

UM HOMEM CHAMADO JOÃO

Drama regional gaúcho em dois atos

de Antonio Augusto Fagundes

PROIBIDO
ATÉ
—16 ANOS—

Dedicado à memória de J. Simões Lopes Neto

João Cruzeiro

Noca

Chico

PERSONAGENS :

Bolicheiro

Estancieiro

Ovêia

Castelhano



LOCAL : Fronteira oeste do Rio Grande do Sul.

ÉPOCA : Depois da Revolução Federalista de 1893.

CRUZEIRA : " Bothrops alternata", gênero dos crotalídeos, serpente comum na campanha gaúcha.

" ÍNDIO VAGO" - Canção de Luiz Menezes, composta para esta peça.

PROIBIDO
 ATÉ
 16 ANOS

(Típico bolicho da região fronteiriça. À esquerda está o balcão, ou mostrador, entestando as prateleiras pesadas de garrafas e quinquilharias. Entre as prateleiras, há uma porta, abrindo para o interior da casa. À direita, outra porta, a de entrada, que dá para uma pequena ramada e o exterior. Ao fundo e ao centro, uma janela, aberta para o pátio. Cadeiras de bebidas e sacos de cereais espalham-se pelo bolicho desordenadamente e do teto pendem vários objetos de uso campeiro: chaleiras, facões, peças de arreios, lamparinas... No primeiro ato o bolicho apresenta um aspecto meio desleixado, porque é um dia qualquer da semana. Uma guitarra com o braço enfeitado de tranças coloridas ocupa, no cenário, lugar de grande destaque.)

DOIS HOMENS ESTÃO MATEANDO NO BOLICHO. UM DELES É O DONO, O BOLICHEIRO, DESCUIDADO NO VESTIR, MAL BARBEADO E CALÇANDO ALPARGATAS DE LONA. O OUTRO, BEM BARBEADO, VESTE MUITO MELHOR E TEM BOTAS LUSTRADAS. É O ESTANCIEIRO LIBÓRIO ALVES, QUE ARRASTA UM BELO PAR DE ESPORAS DE PRATA E DEIXA PENDER DO PULSO UM REBENQUE COM CABO IGUALMENTE DE PRATA. NÓCA FINGE VARRER UM CANTO MAS OUVI A CONVERSA DOS HOMENS.

Estancieiro - (COM A CUIA NA MÃO) Mas agora é que eu quero vê: meu cavalo tá apoderado dos casco, tenho compositor dos bom e o meu corredor o senhor conhece bem. E, como eu tinha tratado com o amigo, de boca...

Bolicheiro - Não, corré, eu le corro. Agora, que não tenho compositor, não tenho mesmo. O senhor sabe que o pobre do Juca se meteu com a filha do sub-intendente e lo carnearam.

Estancieiro - O senhor mesmo, não se anima a cuidá?

Bolicheiro - Eu? De que jeito? E tempo?

Estancieiro - "Mas pobre quando acha um ovo, é chôco!"...

Bolicheiro - Pobre, heim, seu Libório? O que é que o senhor deixa prá mim?

Estancieiro - (CONTRAFEITO) Ora, tenho aí uma meia dúzia de quadra de campo...

Bolicheiro - (PÍCARO) Meia dúzia?... Trinta e cinco quadra de sesmaria do melhor campo do Rio Grande! E povoadas! E fora o que o senhor vai recebê quando o véio Maneco trocá de ponta...

Estancieiro - (SORRI, AMBICIOSO) Mas o senhor já tá agourando o pobre do meu sogro? Olhe que o Homem-Velho-lá-de cima le castigá!...

Bolicheiro - Mas antes de me castigá, castiga o velho Maneco. Deus o livre que a sua patroa me ouça dizendo isso, porque filha é sempre filha, mas aquêlê sôro velho tem um panelão dos grande esperando por êle no braseiro do inferno. (NOUTRO TOM) Quantas quadra mais vão le tocá da parte d'ê le?



- Bolicheiro - E onde, heim, eu vou encontrá um home assim? Não tenho médo de le perdê uma meia dúzia de merrés, mas o que não quero é estragá a mia ãgüinha!
- Estancieiro - Se há razão, o senhor tá coberto!...
- Bolicheiro - Ópa! De razão! Essa maldita revolução estragou tudo. Me dê o mate prá cá. (AGARRA A CUIA QUE O OUTRO ENCHEU). Os home bom que tinha por aqui ou morreu ou voltou tudo aleijado.
- Estancieiro - Taf, o pobre do Martinho. O melhor trançador que as mulher pariram até hoje. Tava na fôrça do Gumercindo Saraiva, gente de confiança do velho.
- Bolicheiro - Foi. Numa carga de cavalaria os governistas deram-le um tronchaço de espada e lá se foi a mão direita, atorada bem no pulso.
- Noca - Barbaridade!
- Bolicheiro - Mas o pior de tudo é que eu até agora não sei como empeçou essa revolução. Nem como terminou.
- Estancieiro - Ora como começou! Foi tudo por essas questã de política, - com as pendência dos grande, lá de Pôrto Alegre. Ninguém - queria o Júlio de Castilho como Presidente do Rio Grande.
- Bolicheiro - Pudera!
- Estancieiro - É, mas o Silveira Martins, que sempre foi monarquista, era quem andava assanhando Deus e todo o mundo.
- Bolicheiro - Foi aí que os maragatos se meteram contra o govêrno?
- Estancieiro - Claro. Quando fundaram o Partido Federalista, em 92, lá em Bagé, se lembra? eu ví que vinha bochincho.
- Bolicheiro - Resultado: pelearam durante três ano, até meteram no fandangos os marinheiro do Custódio de Melo e do Saldanha da Gama... e prá o que? O Júlio de Castilho e o Floriano continuam cada vez mais forte nos govêrno.
- Estancieiro - E tôda essa sangueira, essas matança bárbara!...Eu é que não me meto nessas coisa.
- Bolicheiro - Nem eu. Ví logo que isso tudo era só política. E uma gau-chada flôr de linda matou e morreu por uma cõr de lenço!
- Estancieiro - E o grande Gumercindo Saraiva morreu como qualquer soldado.
- Bolicheiro - E será que mataram mesmo esse tal de Saldanha da Gama?
- Estancieiro - Mas claro! Só podiam matá! Um bundinha dêsses do Rio de Janeiro (OLHA NOCA E SE ARREPENDE, CORRIGINDO) um baiano dêsses se metê a revolucionário aqui nas coxilha só podia acabá assim. Não sabia nem andá a cavalo! Se atrasou numa retirada, parece que não soube controlá o matungo e a gente do João Francisco comeu êle na lança.
- Bolicheiro - Foi a gente do João Francisco?
- Estancieiro - Diz-que. Depois incendiaram o corpo dêle. Eu não gosto das suas judiaria, mas guerra é guerra e os maragato fizeram - coisa pior.



- Estancieiro - Bueno, eu ja herdai umas vinte e cinco da falecida mia sogra. Dêle devem vi mais umas vinte e pico.
- Bolicheiro - Sim senhor, heim, seu Libório? Brincando-brincando, quase duas légua, daqui a pouco. (PROVOCADOR) E donde é que o senhor vai sacá tando peão pra todo êsse campo?
- Estancieiro - (REAGINDO) O que!? Mais peão pra que? Os que eu tenho vivem comendo e dormindo, levando vida de lagarto, sem fazê nada.
- Bolicheiro - Pois sim, sem fazê nada! Trabalham mais que burro de olaria!
- Estancieiro - O senhor não sabe o que é isso, só tem o Chico aqui que faz todo o serviço quase por nada. Mas eu tenho cinco peão Cinco, veja bem! E isso, peão mensal, que ganha se trabalha e ganha se não trabalha...
- Bolicheiro - (QUE CONHECE DE SOBRA AS QUEIXAS DO OUTRO) Fora o pessoal da comparsa de esquila...
- Estancieiro - Sim, fora o pessoal da comparsa de esquila, na safra da lâ, que me tira um ôlho pelo buraco do outro e comem como umas égua com cria! Não, vou le dizê: sorte tem o senhor, que não tem campo. Só dá trabalho.
- Bolicheiro - (MALICIOSO) Mas então o senhor é um homem sem sorte, heim, seu Libório? Quando nós se conhecemo, o senhor recém tinha passado a capataz de tropa. Agora é estancieiro de carnudo a gordo, e ainda se queixa todos os dia.
- Estancieiro - É, me queixo, me queixo, mas quando perco, pago.
- Bolicheiro - Taf, não sei como é que o senhor ainda se anima a corré - carreira e a gastá um dinheirão com cavalo.
- Estancieiro - Ora, todo o home tem que tê um vício. Eu não bebo, não toco em baralho, não ando correndo atraz de china...
- Bolicheiro - Bueno, agora a natureza não deixa, mesmo...
- Estancieiro - Vá atrás disso! Fique sabendo que eu ainda incomodo a patroa velha...
- Bolicheiro - ... porque ronca muito! (RIEM OS DOIS)
- Estancieiro - (DEPOIS DE RIREM) Mas como le dizia: que gosto de uma carreirazita, gosto mesmo! E o senhor é home sério que ganha sem alarme e perde sem reclamá. Assim é que eu gosto de fazê carreira.
- Bolicheiro - Eu também. Prá deverti no mais.
- Estancieiro - E agora que eu tinha tudo na mão prá le ganhá uns pila, o senhor tá sem compositor!...
- Bolicheiro - Sim, e não vou largá a mia êgüinha nas mão de um dêstes abôbra daqui. Um compositor precisa tê ciência: racioná um animal, cuidá milho, alfafa, tem que sabê galopeá, graduá, tudo!
- Estancieiro - Ah, é.

Teatro de Arena

Av. Borges de Medeiros, 835

Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

. . .

- Bolicheiro - E não é verdade que os governistas degolaram o Gumercindo depois de morto e enterrado e mandaram a cabeça d'ele pro Júlio de Castilho numa caixa de chapéu?
- Estancieiro - É. Parece que é. Mas o Castilho deu uma baita putiada nos que fizeram isso.
- Bolicheiro - Ué, mas éle, que vivia dizendo que inimigo não se pópa?
- Estancieiro - Ele mesmo. Eu às vez não entendo o Presidente.
- Bolicheiro - Às vèz? Eu não entendo nunca aquela bisca! Me lavei em águas de rosa quando me disseram que éle tinha se mandado a la cria.
- Estancieiro - É, e grande coisa estão fazendo!... Agora, sem o pulso forte do Castilho, andam todos êsses bandido por aí que não hay quem controle.
- Bolicheiro - O que eu sei é que daqui a muitos anos, quando a gauchada falá na revolução de 93, nem vai imaginá as barbaridade - que aconteceram.
- Estancieiro - Ah, é! Degola, saque, incêndio, isso foi a boche! E dos dois lado, heim! No Touro Passo, três maragato roubaram - uma moça e mataram uma velha num rancho.
- Bolicheiro - E no Itapororó foram três governistas que se emborracharam e mataram um aleijado prá vê o corpo corcoveá.
- Estancieiro - Mas o meu mêdo é agora. Tôda essa gente que se acostumou - com o banditismo, agora anda por aí solta.
- Bolicheiro - Isto aqui é meio afastado, mas eu sei por gente que às vez chega de cruzada, como aquêle trovador amigo do Chico, que o mundo velho ande de pata prá o ar!
- Estancieiro - Ele tinha feito umas décima prá os maior bandido que a revolução deixou. Tinha cada um, que le digo! O mais inocente tem como dez morte no lombo. É, felizmente isto aqui é meio afastado...

O ESTANCIEIRO OLHA SIGNIFICATIVAMENTE PARA NOCA, QUE, ATENTA, NÃO PERDE UMA PALAVRA DA CONVERSA. PELA PORTA DA DIREITA ENTRA CHICO, O VIOLEIRO, VESTIDO COMO SIMPLES PEÃO CASEIRO MEIO DESARRUMADO, VEM EM DIREÇÃO AOS LOIS QUE TOMAM CHIMARÃO, SEM VER A MOÇA NOCA, NO FIMDO.

- Estancieiro - Olha, taf o Chico.
- Chico - Já terminei, patrão.
- Bolicheiro - Bueno, então toma uns mate.
- Chico - (AGARRANDO A CUIA) Seu cavalo não tinha nada, seu Libório, acho que era só uma pedrinha no casco. (CHUPA O MATE) Tá meio frio.
- Estancieiro - É, tá.
- Noca - (DENGOSA) Que tal, Chico?
- SÓ AGORA CHICO PERCEBE QUE NOCA ESTÁ NO BOLICHO. MARAVILHADO SECRETAMENTE, DEMORA UM POUCO A RESPONDER, QUASE COM TERNURA:
- Chico - Lindo, Noca. E tu, como vai?
- Estancieiro - Então, rapaz, quando é que tu vai trabalhá prá mim?
- Chico - (SAINDO DO SEU ENCANTAMENTO) Quando o patrão aí me mandá em bora...



- Bolicheiro - Mas o senhor não perde a esperança de me roubá o Chico hein, seu Libório?
- Noca - (BRINCALHONA) O senhor não sabe que o Chico é nosso, pessoa de casa?
- Estancieiro - Mas qual é o futuro d'ele, aqui? Lá em casa êle podia terminá até capataz!
- Bolicheiro - (BRINCALHÃO) E grande futuro! O seu capataz ganha menos do - que êle agora. E o Chico, aqui - não é por falá - brincando -brincando, tem o seu dinheirinho guardado e já marcou dez ou doze vaquinha...
- Chico - É, não dá prá me queixá da vida...
- Bolicheiro - E qualqué dia dêesses - se casa!
- Estancieiro - É mesmo, Chê?
- CHICO OLHA DISFARSADAMENTE PARA NOCA, SUSPIRANDO.
- Chico - É brinquedo do patrão. Ele gosta de mexê comigo. A mia noiva, mesmo, é aquela...
- E APONTA PARA A DIREÇÃO DE NOCA, AO LADO DA QUAL ESTÁ A GUITARRA DE TRANÇAS COLORIDAS. COM ISSO, NOCA DEIXA A VASSOURA, AGARRA O INSTRUMENTO E VEM COM ÊLE NA MÃO ATÉ CHICO.
- Noca - Então pega a tua noiva no colo.
- CHICO ENTREGA A CUIA, PEGA A GUITARRA E COMEÇA A FLOREAR, AFINANDO.
- Noca - Que é isso, Chico?
- Chico - Um trôço que aprendi êsses dia com aquêle trovador. Lindo - barbaridade! Quero vê se tiro todo.
- Noca - Essa também é prá mim?
- Bolicheiro - Noca!
- Noca - (DENGOSA) Ora, tudo que êle canta é prá mim. Nós vamo se casá, o senhor não sabia?
- Bolicheiro - Essa guria não cria juízo.
- Chico - Não, Noca. Esta não é prá ti. É prá um bandido.
- Estancieiro - Prá um bandido? Recênzinha nós tava falando nos bandido que a revolução deixou por aí.
- Chico - Parece que adivinharam. Sabem quem dormiu no corredor, que vem do Plano Alto?
- Bolicheiro - Não. Quem foi?
- Chico - (ESTUDANDO O EFEITO) O João Cruzeiro!
- Noca - (LEVANDO UM CHOQUE) Quem?!
- Chico - (COM CALMA ESTUDADA) O João Cruzeiro.
- Estancieiro - Não brinca!
- Chico - Sério! Dormiu no corredor, no más. Sòlito e Deus.
- Estancieiro - ... ou o Diabo!



Estancieiro - Bueno, bõo vê. Mas é prá êle?

Chico - Diz-que é.

CHICO FLOREIA A GUITARRA E COMEÇA A CANTAR "ÍNDIO VAGO"

DE L. MENEZES

" Índio vago,
solitário das estradas,
irmão das almas penadas,
tropeiro de assombrações,
que varando os horizontes
vai levando de repente
a dôr das desilusões..."



NÃO CONTINUA, PORQUE O LADRAR FURIOSO DA CACHORRADA ANUNCIA, INAMISTOSAMENTE, A CHEGADA DE ALGUÉM. NOCA SE RETIRA, LEVANDO A VASOURA. CHICO, AINDA COM A GUITARRA NA MÃO, DÁ UMA OLHADA PELA JANELA.

Chico - (EM DÚVIDA) Não conheço o cavalo...(TENSO) Mas não é -
que...

Estancieiro - Deixa eu vê quem é.

OS TRÊS HOMENS OLHAM EM SILÊNCIO PARA FORA. DEPOIS DE UM MOMENTO, VÊEM ENTRAR PELA DIREITA UM RAPAZ DE FEIÇÕES INDIÁTICAS, MAS REGULARES, QUE TRAJA CHIRIPÁ E BOTAS DE POTRO E CUJAS MELENAS ESTÃO PRESAS POR UMA VINCHA. AS ESPORAS ENTRAM TININDO. LOGO O RECÉM CHEGADO PARA, ALERTA, COM AS PERNAS MEIO AFASTADAS; ATIRA O CHAPEU PARA TRÁS E INSPECIONA O BOLICHO COM OS OLHOS, SEM DAR MUITO NA VISTA, DEPOIS ENCARA OS HOMENS.

Estranho - Buenas tarde, senhores.

Os outros - Buenas, buenas tarde.



O BOLICHEIRO E O ESTANCIEIRO ESTÃO PREOCUPADOS E TENSOS. APENAS CHICO NÃO PARECE DAR MUITA ATENÇÃO AO ESTRANHO, POIS LOGO AGARRA A VIOLA E COMEÇA A FLOREAR NOVAMENTE. MAS É PARA ÊLE QUE O RECÉM CHEGADO SE DIRIGE, PRIMEIRAMENTE, APERTANDO-LHE A MÃO. DEPOIS CUMPRIMENTA OS OUTROS, GRAVEMENTE, SÓ NO SILÊNCIO DA ESPECTATIVA QUE SE FORMA, ÊLE PERGUNTA:

Estranho - Algum dos senhores é o dono aqui da casa?

Bolicheiro - O dono sou eu, prá le servi.

Estranho - Grácias. Será que o senhor me arruma pouso, por uns dia?

Bolicheiro - Mas como não. A casa é sua. Inda que mal pergunte, o senhor vem de onde?

Estranho - (DEPOIS DE CONSIDERAR A PERGUNTA) Do Plano Alto.

Bolicheiro - Mas não é de lá...

Estranho - Não.

Bolicheiro - E donde que é se não me leva a mal?

Estranho - (DEPOIS DE UMA PAUSA) De muitas parte e de nenhuma. Ando por aí, no más.

Bolicheiro - Aha. Se qué, mando le perpará o quarto dos hóspe.

Estranho - Então tá. Vou lá trazê os meus traste.

E DANDO MEIA VOLTA, O ESTRANHO SAI POR ONDE ENTROU. EXCITADOS, O ESTANCIEIRO E O BOLICHEIRO GANHAM ANIMAÇÃO.

- Estancieiro - Mas esse... esse é o João Cruzeiro!
- Bolicheiro - É, sim, eu também acho! E tu, Chico?
- Chico - (CALMO) É o home. Só pode sê.
- Estancieiro - Mas que barbaridade!
- NERVOSO, O ESTANCIEIRO ENCHE UM COPO DE CANHA E BEBE SÓ-PREGAMENTE, ALCANÇA-O AO BOLICHEIRO, QUE BEBE TAMBÉM UM GOLE. OFERECE O COPO AO CHICO, QUE RECUSA, CALMO, COM A CABEÇA.
- Chico - (MEXENDO NA GUITARRA) Eu disse que êle andava por aí.
- Estancieiro - (MEDROSO) Mas e agora, o que é que bamo fazê?
- Bolicheiro - (RECUPERADO, CALMO) Fazê? Não bamo fazê nada. Ele vai se hospedá aqui em casa, só isso.
- Estancieiro - Mas não convém chamá as autoridade?
- Bolicheiro - Mas que autoridade - as do Plano Alto? Mas é de lá que êle vem, seu Libório. E se lá não inticaram com êle, nós é que vamo nos metê?
- Chico - (DISTRAÍDO, COM A ATENÇÃO NA GUITARRA) Pois tá aí: eu nem achei êle com cara de bandido!
- Estancieiro - Te fia nisso! Com essa cara de santo, êle já matou uma -
ponchada de gente. ^o tudo de um bote só.
- Chico - Qué dizê que a história dos bote dêle é certa?
- Estancieiro - Claro que é. O Cruzeiro nunca dá mais de um bote, diz que. Vai se defendendo, se defendendo, até que numa hora a daga dêle pula, como cobra... (FAZ O GESTO) E como a cobra - mata sempre!
- Bolicheiro - (FASCINADO) É bem como o bote da cruzeira.
- Estancieiro - Claro. Essa é a razão do apelido.
- Chico - Mas e o nome dêle, qual é?
- Estancieiro - Que sei eu! João, no mais. Só João. O que eu estranho é que a polícia nunca tenha botado a mão nesse índio.
- Bolicheiro - Mas que polícia - esta nossa? Essa corja só presta prá perseguí maragato e erguê nas quatro estaca um miserável que róba uma ovelha. De home valente disparam como o dia bo da cruz.
- Chico - Mas e a polícia do coronel João Francisco?
- Estancieiro - Pois daí, tem coisa que pouca gente sabe e eu mesmo só fiquei sabendo porque o sargento Felipe me contou. O João Cruzeiro foi os confiança do velho, no Caty, durante a revolução.
- Chico - O quê?
- Estancieiro - O João Francisco mandava êle nas missão mais perigosa e êle voltava sem nenhum risco no couro. Dizem até que o Cruzeiro é meio afilhado do tigre velho, ou era, porque acabou matando um oficial no Caty, numa cancha de tava.
- Bolicheiro - E o João Francisco deixou êle se i embora assim no mais, com a cola nas costa?



- Estancieiro - Dizem que até dinheiro o velho deu prá êle... Sabem como é, um valente respeita outro valente.
- Chico - E como será êsse tal Cruzeiro - bochinheiro ou não? Me pa receu um índio quieto.
- Estancieiro - E é quieto. Igualito à cobra que le deu o nome. Foge de gente, não gosta de peleia... Mas provoquem só, prá vê!
- Bolicheiro - E donde é que o senhor sabe tanto sôbre êle?
- Estancieiro - Quem é que não ouviu falá no João Cruzeiro? E no Pau-Fincado, fui eu que chamei o sargento Felipe, prá enterrá o falecido Elesbão, que, por sinal, era um taura no ferro branco.
- Chico - Esse Elesbão é o tal comissário que o João Cruzeiro matou?
- Estancieiro - É. Pelearam quase meia hora, quietos, pulso com pulso, ôlho com ôlho. Não ví, mas me contaram. E eu sei que o falecido Elesbão não era dos mais assustado...
- Chico - E o senhor vai abordá o índio, patrão?
- Bolicheiro - (DEPOIS DE UMA PAUSA EMBARAÇADA)...Falá...falá no mais. Falando, a gente se entende. E eu não tenho nada contra êle.

NISSO RETORNA O JOÃO CRUZEIRA - POIS ERA ELE TRAZENDO UMA MALA DE GARUPA AO OMBRO E UMA ESPADA EMBAINHADA NA MÃO ESQUERDA. NA DIREITA, VEM A MALA DO PONCHO. AO VER EXPRESSÕES ANSIOSAS DOS OUTROS, PARA NO MEIO DO BOLICHO, DESCONFIADO. ESFORÇANDO-SE POR PARECER CALMO, O BOLICHEIRO SE DIRIGE À ELE.

- Bolicheiro - Inda que mal pergunte, o senhor não é o João Cruzeiro?

O INTERROGADO ASSUME UMA CLARA ATITUDE DE DEFESA. AFASTA LIGEIRAMENTE AS PERNAS, DEIXA CAIR A MALA DE PONCHO E FIRMA A ESPADA EM POSIÇÃO DE SER PUXADA RÁPIDAMENTE. DEPOIS DE UMA PAUSA, RESPONDE, COR-TANTE:

- Cruzeira - Assim dizem! Por que?

A TENSÃO AFROUXA. O BOLICHEIRO DÁ DE OMBROS, COM UM MUXO XO.

- Bolicheiro - Ué, por nada. Prá sabê, no mais. Não tenho nada contra, po de ficá sem mêdo.

JOÃO CRUZEIRA LEVANTA A MALA DE PONCHO DO CHÃO E CAMINHA EM DIREÇÃO AO FUNDO DO BOLICHO. MAS PARA INTERROGATIVAMENTE FRENTE AO BOLICHEIRO.

- Bolicheiro - (INDICANDO COM O BEIÇO) É por aí mesmo, o quarto da esquerda. Depois eu mando a Noca perpará.

- Cruzeira - Que Noca?

- Bolicheiro - Ora, a Noca, a miá afilhada, a miá filha de criação. Da qui a pouco ela anda por aí.

- Cruzeira - Ahn.

O RAPAZ SE RETIRA, E OS OUTROS RESPIRAM ALIVIADOS.

- Estancieiro - Por pouco o senhor não me estraga a festa! Com um home - dêsse não se brinca, seu.



Estancieiro - E que um sargento foi encontrado morto, degolado e que a polícia jurou vingança...e que foi por isso que um famoso chefe contrabandista resolveu abri um bolicho - nesta zona...

Bolicheiro - Não, eu fiz das minha, também. Mas a tal história do sargento degolado, não é assim. (OLHA OS FUNDOS DA CASA E BAIXA A VOZ) A Noca não anda por aí? Não quero falá lá nisso perto dela...

Chico - Por que? O que é que a Noca tem que vê com isso?

Bolicheiro - (ALERTADO) Ora...nada, claro, mas ela é moça e se impressiona muito com essas história de banditismo. É por isso. (DESVIANDO) Mas e falando cm banditismo, por on de anda o nosso índio?(OLHA OS FUNDOS).

Chico - Mas mui descansado, o tal Cruzeiro, não? Eu, se fôsse êle, ia andá me cuidando, com mêdo dos outro. Não há de faltá algum esquentado das maceta que não queira ma tá êle só pela fama.

Estancieiro - E não pensa tu que já não tentaram!

Bolicheiro - É. Vida de peleador, quando não pende prá cadeia...pen de prá o cemitério.

NO RÁPIDO SILÊNCIO QUE SE FORMA TORNA-SE AUDÍVEL O RUI DO DAS ESPORAS DO GAÚCHO QUE VOLTA, APARECENDO À PORTA DA ESQUERDA.

Cruzeira - (AO BOLICHEIRO) Onde posso botá meus arreio?

Chico - Bote no cavalete do galpãozinho, que tá vazio. Era do finado Juca.

Cruzeira - Finado Juca? Quem era êle? Como morreu?

Bolicheiro - Era o meu compositor. Se meteu com a filha dum sub-intendente e diz-que o home mandou dá um jeito nêle.

Cruzeira - Compositor? Então o senhor gosta de carreira?

Estancieiro - (ADULÃO) Se êle gosta de carreira? Pergunte prá um cigano se êle gosta de dinheiro, ou prá uma china se ela gosta de baile...

Cruzeira - Não é por nada. (PENSATIVO) É que eu também gosto muito de carreira.

IMEDIATAMENTE CHICO TROCA OLHARES COM O ESTANCIEIRO E O RAPAZ SAI PELA PORTA DA DIREITA.

Estancieiro - Amigo, tá salva a pátria!

Bolicheiro - Ué, tá salva!?

Estancieiro - O João Cruzeiro!

Bolicheiro - (SEM COMPREENDER) Ué!

Estancieiro - É que o João Cruzeiro é doente por cavalo. Os animal são o único fraco dêsse rapaz.

Bolicheiro - Bueno, isso se sabe; mas onde é que o senhor qué chegá?

Estancieiro - Mas home de Deus, pega o Cruzeiro prá teu compositor!



- Bolicheiro - (BAIXANDO A VOZ) Deus o livre! Ele é capaz de matá a miá egüinha só prá vê de que lado ela cai.
- Chico - Patrão, a idéia não é tão louca assim...
- Bolicheiro - Mas vocês tão falando sério?
- Estancieiro - Mas claro, home. Há pouco o Chico tava mexendo com o senhor, quando contou que o Cruzeiro vinha do Plano Alto prá cá a seu pedido, prá me ganhá a carreira. Ele é bom compositor, não sabia?
- Chico - É eu sempre disse que ele tem fama, mesmo.
- Estancieiro - Olhe, entre duas carreira é que ele briga. O Cruzeiro tem cuidado cavalo por aí que não acaba mais. No Pau Fincado correu um tostadinho que ele cuidou. Um esta - dão que só vendo!
- Chico - É prá o senhor vê: o João Cruzeiro, o famoso bandido, com dez mortes nas costas, mui descansado, cuidando os seus cavalinhos, correndo as suas carreirinha...
- Estancieiro - (BAIXANDO A VOZ) É, mas últimamente ele deve andá meio sem tempo prá isso...
- Bolicheiro - E por quê?
- Estancieiro - Mas não sabem? O Ovêia, o irmão mais velho do falecido comissário Elesbão, anda que é uma tigre parida no rasto do Cruzeiro. E se se encontram, vai saí fãisca!
- Bolicheiro - Não, mas o Ovêia eu conheci no Cêrro Chato. Um tipo fechado, caladão. Um home bom, todos diziam. E era capaz de tropa, parece-que. Acho que não é home prá enfrentá o Cruzeiro, de igual prá igual.
- Chico - Quem sabe, patrão! Às vez, êsses assim, são os que mais dão o que falá. Quem é que ia dizê, vendo êsse Cruzeiro que ele é um ráio de daga na mão?
- Estancieiro - É, com essa cara, caminhando assim... (BALANÇA O CORPO DESAJEITADAMENTE, "IMITANDO" O CRUZEIRA).
- Bolicheiro - Mas e êsse bicho, anda disparando do tal de Ovêia?
- Estancieiro - Qué dizê, disparando, não, que, ao que dizem, êsse Cruzeiro nunca dispara de ninguém. Mas há uma coisa estranha no meio disso tudo.
- Chico - Qual é?
- Estancieiro - Êsse Ovêia, que não é home de briga, vive procurando o Cruzeiro. Este, que sabe, vai sempre por outro caminho.
- Bolicheiro - Acho que ele não qué é matá êsse, como já matou o irmão e se se encontram não vai tê outro remédio.
- Chico - Mas que coisa bárbara! O tal Ovêia talvez seja um pai de família, um home de bem... (COSPE COM NOJO PARA O LADO) Esta terra baguala ainda não se cansou de bebê sangue!
- Estancieiro - E será que êsse Ovêia agüenta a mão, na hora do pega prá capá?

Bolicheiro - Olhe, seu Libório, vou lê dizê uma coisa que aprendi pe lo mundo: não existe home valente nem home covarde. De - pendendo da situação, até o mais flôxo peleia. E peleia lindo! E quando é questão de honra, então!...

Estancieiro - Mas voltando à vaca fria...

Chico - É, o senhor pega o Cruzeiro, ou não?

Estancieiro - É, o trôço é sério.

Bolicheiro - (INDECISO) Mas... qué dizê... comparação: eu convido o rapaz prá meu compositor. Le corro a carreira...

Estancieiro - ... e me perde ou me ganha, não tem comparação nem nada. Chame o home que a gente vê isso logo duma vez.

Bolicheiro - (SEM MUITA CONVICÇÃO) Mas...será?...Chico, então me traz o índio aqui.

CHICO SAI PELA DIREITA, O BOLICHEIRO FICA PENSANDO E O - ESTANCIEIRO TRATA LOGO DE RESSALVAR SUA POSIÇÃO.

Estancieiro - Não vá pensá que eu faço isso prá le cristiá, querendo que o home estrague a sua ògüinha...

Bolicheiro - Ora home! Mas será que êle aceita?

Estancieiro - Se não aceita, logo se vê. Mas eu acho que êle pega com as duas mão. Total, é uma oportunidade prá êle mudá de vida. De mais a mais, é meio difícil que o tal Ovêia ve nha dá com os costado por aquí.

Bolicheiro - É, isso é.

Estancieiro - Então fiquemo assim: o senhor vê se êle entende mesmo - de cavalo, que a gente pode se enganá. Se não sai do seu agrado, fica o dito pelo não dito. Mas se o senhor gostá do sistema do índio corremo a carreira daqui a três ou quatro mês.

Bolicheiro - Olhe seu Libório, é por isso que eu gosto do senhor. O amigo deve tê seus pecadinho, como todo o mundo, mas prá carreira não conheço ninguém melhor. A gente arre - gla tudo, sem papel nem nada e o trato de boca fica va lendo.

Estancieiro - Ora, não me venha rasgá seda, agora. Semo amigo, e tal e as nossas carreira são só prá divertí, sem interêsse, que não semo ambicioneiro nem nada.

PELA PORTA DA FRENTE ENTRA CHICO, SEGUIDO POR UM INTRI - GADO JOÃO CRUZEIRA.

Chico - Táí, o home.

Cruzeira - (CAUTELOSO) O senhor mandou me chamá?

Bolicheiro - É verdade que o amigo gosta de carreira, de cuidá cava - lo?

Cruzeira - (QUE NÃO ESPERAVA POR ESSA) Como?

Estancieiro - Ele qué sabê se o amigo é mesmo compositor, como dizem por aí.



- Cruzeira - Olhe, gostá de carreira eu gosto. Mas vocês conhecem a miá história: sempre que começo a compor um animal me sobrevém uma peleia. Eu mudo de pago, mas...
- Estancieiro - Não gostaria de cuidá uma ègüinha dêste home? Nós tava de carreira atada mas êle ficou sem compositor.
- Cruzeira - Olhe, se desse no jeito...
- Estancieiro - Eu não te disse? Eu não te disse?
- Cruzeira - Mas é uma coisa séria! E se eu, total, não... mas
- Bolicheiro - Não tem más nem meio más: o amigo tá nomeado meu compositor desde já!
- Cruzeira - Mas que tempo ainda temo?
- Estancieiro - Tá pego o home!
- Bolicheiro - Uns três ou quatro mês.
- Cruzeira - Se a ègüinha não tivé doente, deve dá.
- Estancieiro - (PARA O BOLICHEIRO) Então bamo vê as condição da carreira.
- Bolicheiro - Fiquemo em três mês?
- Estancieiro - Tá, se precisá mais um, me avisa. (ESPALMA A MÃO MOSTRANDO OS CINCO DEDOS) A parada é a mesma?
- Bolicheiro - Seguro. Fico com o trilho direito?
- Estancieiro - Pode ficá, de lambuja. (SORRINDO) Se no direito, a sua ègüinha vai perdê de luz, que dirá no esquerdo!
- Chico - É, garganteie, que nós le tosamo de cola e clina.
- Estancieiro - (INDICANDO CRUZEIRA COM O BEIÇO) Só se o home af for meio bruxo. Se não, vou dá doble e luz e jogá tudo nas pata do meu cavalo.
- Bolicheiro - Quá-quá-qu-á! Vou le ganhá essa e sai por aí, gritando - sem reserva nas três quadra, sem respeitá pêlo nem marca!
- Estancieiro - Bueno, agora tenho que me f. Então não é parada morta - não, é naquelas condição...
- Bolicheiro - Claro, choque aqui.
- OS DOIS TROCAM UM COMPLICADO APERTO DE MÃO GAUCHESCO.
- Estancieiro - Seu João, não é com a sua chegada, mas vou me mandá dizê direito aos pago, que a esta hora a patroa velha deve an dá tигра comigo!
- Cruzeira - Não se acanhe, seu... como é mesmo a sua graça?
- Estancieiro - Libório. Libório Alves, prá le serví.
- Cruzeira - Grácias. Da mesma forma.
- Estancieiro - E quanto ao resto, não se preocupe, que aqui ninguém faz pergunta.
- Chico - (DISTRÁIDO) A não sê a Noca!...
- CRUZEIRA SORRI POR PRIMEIRA VEZ. OUVES-SE UM BARULHO JUNTO À PORTA DA ESQUERDA. TODOS SE VIRAM PARA OLHAR E O BOLICHEIRO VAI DAR FÉ.



- Bolicheiro - Mas não é que a bruaquinha tava aí, escutando a conversa dos grande?
- Estancieiro - E o senhor continua tratando a Noca como se fôsse uma criança?
- Bolicheiro - Ela é pequena!
- Estancieiro - Que pequena nada, uma baita guria dessas! Conheço muitas mãe de família...
- Bolicheiro - Já sei, já sei, mas agora vá embora, antes que a patroa le passe o rabo-de-tatu de chegada...
- Estancieiro - (SAINDO) E pensa que ela não é capaz, mesmo?
O ESTANCIEIRO FAZ UM ACENO E SAI PELA DIREITA.
- Chico - Home bom, tá!
- Cruzeira - Já lo creio. O home bom a gente conhece de longe. Mas como é mesmo o negócio do nosso trato?
- Bolicheiro - Pois eu preciso que o senhor me cuide a miá êgüinha. Temo só três mês, mas deve dá. Já pode tomá conta, se quisé. Ela tá na estrevaria, meio flaquita, mas não tá doente nem nada. Bom pasto e boa aguada tem de sobra, graças a Deus.
- Cruzeira - Bueno, então bamo dá uma olhada. Tem milho?
- Chico - Como não. Tá tudo no galpãozinho, perto da estrevaria. Melhor: eu vou com êle, patrão.
- Bolicheiro - É isso mesmo, vai, que eu preciso fazê uma coisa...
O BOLICHEIRO VAI COM ÊLES ATÉ A PORTA DA DIREITA, POR ONDE DESAPARECEM OS DOIS RAPAZES. QUANDO SE VOLTA, ENCONTRA NOCA JUNTO AO BALCÃO, COM UMA CARA MEIO SENVERGONHA.
- Bolicheiro - Que tu faz aí, com essa cara de cachorro comedor de ovelha?
- Noca - (PINGINDO INOCENCIA) Ué, padrinho, nada!
- Bolicheiro - Quem nada é peixe! Que tu tava fazendo, escutando a conversa dos grande, pela fresta da porta?
- Noca - Eu tava olhando o João Cruzeiro, só.
- Bolicheiro - É, muito bonito, não? Espiando os estranho, como se fôsse uma guria xucra.
- Noca - E não sou? Quem sabe eu sou filha de gente da cidade.
- Bolicheiro - Não me amola. Não tenho tempo a perdê, com as tuas ciancice.
- Noca - Pois fique sabendo que eu tenho dezessete ano e não sou mais criança. Sou uma moça e até bem bonita!
- Bolicheiro - Exibida! Te passo o chinelo. Tu pensa que eu não me animo?
- Noca - Duvi-de-o-dó!
- Bolicheiro - (AMEAÇANDO DE FINGIMENTO) Olha!...
- Noca - Quando é que o senhor vai me achar grande e contá a história do meu nascimento?
- Bolicheiro - Não me amola, já te disse. Não sei de nada nem quero sa



bê. Vai lá prá dentro brincá com as tuas boneca.

Noca - O João Cruzeiro vai ficá aqui?

Bolicheiro - Vai, que é que tem?

Noca - (FACEIRA E ADMIRADA) Bahh!...

Bolicheiro - Bah, o quê? Tu vai continuá espiando êle?

Noca - Só porque eu tava espiando quando êle chegou?

Bolicheiro - Claro. Tu tanto falava nêle, que êle terminou aparecendo.

Noca - (FINGINDO SUSPRESA) Eu? Eu falava nêle? Eu não. Quem fala va era a Maruca, da dona Chininha. Se lembra daquela vez, no baile? Ela é que vive contando que conheceu êle numas carreira. Eu só perguntei como êle era. E sabe padrinho, êle até que é bem bonito...

Bolicheiro - O quê?!

Noca - Nada, eu tava brincando. Mas quando eu dissé prá Maruca que êle tá parando aqui em casa, ela vai morré de inveja.

Bolicheiro - Noca, Noca, tu deixa de bobagem!

Noca - Mas le digo uma coisa: pobre da moça que gostá do João - Cruzeiro!

Bolicheiro - Por quê, a Maruca vai dá nela?

Noca - Ora, porque êle é assim como é, com fama de bandido. (PRE- PARA-SE PARA FUGIR E ACRESCENTA)... mas garanto que dava um marido e tanto!

O BOLICHEIRO TIRA A ALPARGATA DO PÊ, AMEAÇADOR, E NOCA FO SE PARA DENTRO, RINDO, O BOLICHEIRO SACODE A CABEÇA SORRINDO E DIZ:

Bolicheiro - Esta bruaca!

E LOGO SAI DO BOLICHO PELA ESQUERDA. PELA DIREITA ENTRAM CHICO E CRUZEIRA.

Chico - Como é, que tal achou a êgüinha?

Cruzeira - Linda, a êgüinha, mesmo. E nova. Me agradou. Deve tá com uns quatro ano, por aí?

Chico - Mais ou menos. Eu já trabalhava aqui quando deram ela prá o patrão. É filha da famosa égua Ventania e diz-que do cuiudo Farrapo, dos Delgado. Conheceu?

Cruzeira - A Ventania eu conheci demais, vi corrê várias vez. Mas o cuiudo velho só conheci de fama. Não sou daqui, como sabe.

CHICO APANHA OS AVIOS DO CHIMARÃO E VÊ SE A ÁGUA AINDA ES TÁ QUENTE, APALPANDO A CHALEIRA.

Chico - Aceita um?

Cruzeira - Se ainda tá quente...

Chico - Ainda dá. Esta chaleira esfria pouco e a erva é nova. Eu também não sou daqui.

Cruzeira - De onde é, então?



- Chico - De longe. Sou do Caverá, lá no Alegrete. Dei aqui de gaudério, cantando e tocando viola. Me agradei do jeito do patrão e nos acertamo. E agora acho que sentei juízo. Criei - raí, como diz a Noca.
- Cruzeira - A Noca é a moça da casa, aquela que tava espiando?
- Chico - (SORRINDO) É. A Noca é um caso sério! Quando ela que mexe comigo diz que nós vamo se casá, mas que eu tenho que levá ela pra cidade, pra outros lugar...
- Cruzeira - Por quê, ela não gosta daqui?
- Chico - Gostá, gosta, mas ela não é filha do patrão e só ele sabe a história do nascimento dela. Eu acho que ela que morá noutra parte, quando casá, prá começá vida nova, onde não sabem que ela é filha das macega, compreende?
- Cruzeira - Ahn, sim.
- Chico - Mas a Noca é uma boa moça. Todo mundo gosta dela aqui. Agora, o patrão não conta a história dela por nada deste mundo. Diz que espera ela crescê, criá juízo e casá. Af, se gostá do genro, ele conta.
- Cruzeira - Eu ainda não falei com ela.
- Chico - Mas vai falá. Ela toma conta do amigo em seguida. A Noca - tem um jeitinho de guria mimada mas é moça de juízo. Com tôda aquela carinha dengosa, quando a gente se dá conta, ela tá mandando em tudo. O patrão mesmo vive dizendo que ela é a dona da casa, manda até nêle.
- Cruzeira - Gostei da cara d'êle. Parece um home bom.
- Chico - Bom? Só bom? Esse é dos home que não vêm mais. Eu mesmo - cheguei aqui sem eira nem beira. Até a viola que eu tinha era emprestada.
- Cruzeira - Ah, é?
- Chico - Hoje, brincando-brincando, tenho umas vaquinha e o meu dinheiro guardado. E tudo por quê? Porque ele resolveu - gostá de mim. Os meus amigo dizem que ele ainda vai casá a Noca comigo.
- Cruzeira - Pois taí, quem sabe não dava um bom casamento, mesmo.
- Chico - Quê! A Noca não me leva a sério. Ela só finge de miá namora da quando que eu cante ou faça algum trabalho.
- Cruzeira - (FILOSOFICAMENTE) É...
- Chico - E o amigo, ainda que mal pergunte, não se acolherou?
- Cruzeira - Eu tenho uma... noiva. Uma noiva que tem uma cruz na testa. Uma noiva difícil de lidá, que só gosta de mim porque eu tenho pulso firme...

TIRA A ADAGA DA CINTURA E FICA OLHANDO PARA ELA, SEGURANDO A LÂMINA, COM A CRUZETA PARA CIMA.

Cruzeira - É esta aqui. Maria Clara, se chama.

CHICO FICA UM INSTANTE SEM JEITO, EMBARAÇADO PELA CONFISÃO DO COMPANHEIRO, FEITA DE FORMA AMARGA. TENTA OBVIAR:

- Chico - Taf, a miá noiva é mais alegre do que a sua, mas só gosta de mim porque eu também tenho pulso firme...
- CRUZEIRA FICA UM POUCO SURPREENDIDO E CHICO AGARRA A VIOLA, INTERROMPENDO O MATE, OS DOIS SORRIEM.
- Chico - Esta aqui não tem segredo. A sua noiva é um pouco fria demais prá o meu gosto... Esta aqui é mais quente e gosta de andá abraçada comigo.
- ABANDONAM O MATE DE VEZ, QUANDO O CRUZEIRA EQUILIBRA A CUIA JUNTO A CHALEIRA.
- Cruzeira - E o nome dela, qual é?
- Chico - Ah, é... Maria Bonita. Não tinha, mas botei agora. Tudo que é china tem que tê um nome. Nem que seja um nome feio...
- QUANDO OS DOIS RIEM ENTRA O BOLICHEIRO, PELA ESQUERDA.
- Bolicheiro - Como é, o bandalho do Chico já tá le contando causo de china?
- Cruzeira - É, dessa aí de trança colorida, que êle tem no colo.
- CHICO SORRI E APANHA OS AVIOS DE MATE NOVAMENTE.
- Bolicheiro - Esgriou a água?
- Chico - É. Trago mais?
- Bolicheiro - Traz. Me acompanham no mate?
- Cruzeira - Como não.
- Chico - É bom enchê a barriga de mate prá tapeá o gosto das comida que a Noca faz.
- Bolicheiro - Ela que te ouça dizendo isso, que é capaz de botá veneno no teu prato...
- Chico - (SAINDO) E o senhor pensa que eu duvido?
- Bolicheiro - Dá uma virada na erva. Se lavou, dá uma encilhada!(VOLTA-SE PARA CRUZEIRA). Esse Chico é um bárbaro!
- Cruzeira - Quase todo o guitarreiro é assim, alegre, dizedor de graça...
- Bolicheiro - Sabe que fizeram uma canção com o seu nome?
- Cruzeira - Com o meu? Não. Quando?
- Bolicheiro - Não sei. Parece que foi um trovador amigo do Chico.
- Cruzeira - Também me chama de bandido?
- Bolicheiro - De santo é que não há de chamá...Mas prá falá a verdade não sei, o Chico não cantou tôda.
- Cruzeira - Tinha uma que me chamava até de cascavel. Por sinal, - que eu tenho um troço prá le falá.
- Bolicheiro - Qual é?
- Cruzeira - O senhor parece um home de coração bom...



OS DOIS TOMAM ATITUDES SÉRIAS E COMPENETRADAS.

- Cruzeira - ... como eu queria sê, antes dessa sangueira tôda. Pois bueno, decerto o senhor já sabe que eu matei, entre outros, um comissário de polícia, um tal de Elesbão, lá no Pau Fincado?
- Bolicheiro - É, foi o que ouvi dizê.
- Cruzeira - Pois o irmão dêle, um que se chama Ovêia, diz-que anda no meu rasto. Eu não gosto muito de peleia, mas se o fin dio chega meio de repente... eu não tenho muita vocação pra defunto!...
- Bolicheiro - Pois... eu não sei. Este bolicho já tem visto muita peleia grossa. Não hay quem goste disso. Mas sendo preciso, por mim não, o amigo pode peleá no mais.
- Cruzeira - Inda bem que le falei. Eu tava com isso atravessado na garganta. Podiam me atacá de uma hora pra outra e não queria le afrontá, que o senhor é o dono da casa.
- Bolicheiro - (BOTANDO A MÃO NO OMBRO DO OUTRO) Gostei da tua franqueza, chê. Pode acreditá que arrumaste um amigo. Vai vê nem fizeste isso tudo que te botam nas costa...
- Cruzeira - (TRISTE) Não, olhe as marca que eu tenho no cabo da daga. Matei mais do que queria. Matei muito mais do que era preciso.
- Bolicheiro - Olhe, eu não sou muito branco mas sou muito franco: tam bém já andei envolvido com as autoridade e vivendo de arma na mão...
- Cruzeira - O senhor?
- Bolicheiro - (BAIXANDO A VOZ) Aqui no pago êles ouviram dizê mas não sabem nem a metade da história! (ELEVA A VOZ) Isso pode acontecê a qualqué um. Quem me vê atrás do balcão nem imagina que...tsssk, nem vale a pena falá nessas coisa!
- Cruzeira - É, nem vale a pena, mesmo.
- Bolicheiro - E o mate do Chico, será que é como o mate do João Cardoso? Se me dá licença, vou lá vê o que foi que houve.
- Cruzeira - Como não, eu espero aqui.
- O BOLICHEIRO SAI PELA DIREITA. CRUZEIRA O ACOMPANHA ATÉ A PORTA, ONDE PERMANECE OLHANDO PARA FORA. PUXA UM CANIVETE E COMEÇA A PICAR UM CIGARRO CRIOULO. É NOITE. OS RUÍDOS NOTURNOS DA CAMPANHA SE FAZEM OUVIR. PERTO, UM CRI-CRI DE GRILLO E AO LONGE UM QUERO-QUERO ASSUSTADO LANÇA SEU BRADO DE ALERTA. NOCA, COM UM LAMPEÃO NA MÃO, ENTRA PELA ESQUERDA, PROCURANDO ALGUÉM. CHEGA ATÉ O RAPAZ QUE DISTRAÍDO, NÃO ESPERAVA POR ELA.
- Noca - Boa... boa noite.
- Cruzeira - (VOLTANDO-SE) Boa noite, moça.
- Noca - Onde é que andam o meu padrinho e o Chico?
- Cruzeira - O Chico tinha ido no galpão trazê mais água pro mate, e o patrão foi atrás dêle.

- Noca - Ahn!... Eu vim dizê que a janta tá pronta.(PAUSA) O senhor é o seu João...não?
- Cruzeira - "Seu João"!... Sou sim.
- Noca - Bueno, o... seu quarto tá arrumado.
- Cruzeira - Ahn.
- Noca - Tem lençol e fronha limpa e botei seu poncho de cobertor.
- Cruzeira - Ahn.
- Noca - Mas o senhor é mesmo o...João...Cruzeira?
- Cruzeira - É, acho que sou. A lo menos, é o que dizem.
- Noca - Mas o senhor não tem cara de bandido.
- Cruzeira - Ora, dona, bandido com cara de bandido, que graça tem? E depois, como é que a senhora sabe- já viu algum bandido?
- Noca - É... não vi.
- Cruzeira - Pois agora tá vendo um.
- Noca - O senhor tá querendo me assustá?
- Cruzeira - Não, eu tava brincando. ^A senhora é a dona Noca, não?
- Noca - Sou, mas não me chame de dona Noca que me deixa muito velha e eu só tenho dezessete ano.
- Cruzeira - (BRINCANDO DE CARA SÉRIA) Pois é, s mas se eu le chame de Noca, o Chico, que é seu namorado, é capaz de pelear comigo.
- Noca - O Chico? Mas êle disse que é meu namorado? Mas êle me paga! Vou botá sal no prato dêle!
- Cruzeira - Êle não disse, eu é que quis vê o que a senhora ia dizê. O que êle disse foi que a senhora era capaz de botá veneno no prato dêle.
- Noca - Se êle não cantasse tão bem, eu já tinha botado mesmo. Nós vivemo brigando.
- Cruzeira - Essas briga assim às vez acabam em casamento...
- Noca - Como é que o senhor sabe - já se casou?
- Cruzeira - Eu não.
- Noca - Não é noivo nem tem namorada?
- Cruzeira - Não.
- Noca - Por quê?
- Cruzeira - Acho que as moça têm mêdo que eu mate elas, porque sou bandi do.
- Noca - (INFANTILMENTE CÉTICA) Ahn!...
- Cruzeira - É, sim.
- Noca - Eu não vou me casá. Vou ficá solteirona ou entrá pra um con vento e sê freira.
- Cruzeira - Tá, a senhora até que ia dá uma freira bonitinha. As que eu tenho visto são feia como morrê de arrasto.
- Noca - Se eu soubesse que me mandavam prá longe, ia sê freira, chegava lá, tirava a batina e me casava.



- Cruzeira - Com quem - com um padre?
- Noca - Me casava com o Chico. Com qualquer um. Até com o senhor me animava.
- Cruzeira - Até comigo?!
- Noca - Claro, porque não. Não tenho medo que o senhor me mate.
- Cruzeira - Isso é porque a senhora nunca me viu brabo...
- Noca - Tem gente que quando fica braba é que fica bonita.
- Cruzeira - Oh - oh! Acho que vou le chamá de Noca, mesmo que o Chico fi que brabo.
- Noca - Então tá...João.
- Cruzeira - Então tá...Noca.

APERTAM SOLENEMENTE AS MÃOS À LUZ DO LAMPÃO E ENTRAM PELA DIREITA CHICO E O BOLICHEIRO, COM OS AVIOS DE MATE.

Bolicheiro - Então já se conheceram?

Cruzeira - É.

SEMPRE CARREGANDO O LAMPÃO, NOCA SE AFASTA DO GRUPO. CHICO ERGUE A MÃO, ARREMEDANDO-A COMICAMENTE. ELA PÕE-LHE A LÍNGUA E VOLTA PARA O INTERIOR DA CASA. DEPOIS CHICO AGARRA A VIOLA E COMEÇA A FLOREAR.

Bolicheiro - Como é, a Noca não le disse que a bôia tava pronta?

Cruzeira - Disse sim. Mas total, eu não quero mesmo jantá. Me deixe fi cá por aqui, esta noite é importante pra mim. Eu não bebo nunca, mas hoje acho que vou tomá uns trago, se o senhor não se importá.

Bolicheiro - Quem corre porque qué, não cansa...

Cruzeira - Posso me servi, entonce?

Chico - Deixe que eu sirvo.

Bolicheiro - Isso é desculpa dêle prá bebê junto.

Chico - Ué, mas o senhor não sabe que um gaúcho nunca deixa um compa nheiro sôlito?

CHICO LARGA A GUITARRA, ENCAMINHA-SE AO BALCÃO E SERVE A CACHAÇA DA GARRAFA DO SEU LIBÓRIO, EM DOIS COPOS "LISOS". ALCANÇA UM AO CRUZEIRA E FICA COM O OUTRO.

Bolicheiro - Até parece que vai saf uma saúde...

Chico - E por que não? Bebo à saúde do nosso compositor!

Cruzeira - (ERGUE O COPO, AMARGO) Eu também. Bebo à saúde de um home chama do João.

Bolicheiro - Se é assim, eu também bebo. (ERGUE A GARRAFA) Eu também bebo à saúde de um home chamado João.

FORMA-SE UM AMBIENTE MEIO CONSTANGIDO. CHICO TENTA ALEGRÁ-LO APONTANDO A GARRAFA E DIZENDO:

Chico - E depois, eu é que sou o borracho!

O CRUZEIRA ESVAZIA O COPO E O BOLICHEIRO A GARRAFA.

Cruzeira - Posso abri outra?

O BOLICHEIRO E CHICO SE ENTREOLHAM, PREOCUPADOS.

- Bolicheiro - Mas como não. O bolicho é seu, por homenagem.
- Cruzeira - A maioria dos bolicho por onde eu cruzei fechou a porta, quando me reconheceu...
- Chico - Também, como não ia fechá, com a fama que o amigo tem por aí...
- Cruzeira - Mas exageram, inventam! Sabe o que me contaram, pensando que fôsse outra pessoa? Que o João Cruzeiro matou um casal de velho prá roubá! Eu nunca matei à traição. Os que matei, foi peleando, cara a cara.
- Bolicheiro - Bueno, aqui contaram que o amigo matou o comissário Elesbão peleando, mesmo.
- Chico - É, foi. Que se defendeu enquanto pôde. Só depois, quando o comissário não floxou mesmo, é que deu-le um pontaco de daga aqui assim (MOSTRA O LUGAR DO FERIMENTO) lá nêle.
- Cruzeira - Mas o home queria me prendê a todo custo. Me ofendeu, na frente de todo o mundo. Aí eu disse: "Olhe, comissário, bão fazê o seguinte - eu munto a cavalo e me vou embora, mas me prendê o senhor não me prende!" Era uma proposta, vocês compreendem? Ele não ficava desmoralizado e a gente não precisava peleá.
- Bolicheiro - E êle não aceitou...
- Cruzeira - Ah, não, êle tinha fama no ferro branco e todo mundo queria vê a briga. Decerto foi por isso que não floxou. Terminando aos grito que me prendia de qualqué jeito. E que eu era... sabe o que êle disse que eu era? Que eu era covarde!

NERVOSO, EXCITADO, ENCHE O COPO DA NOVA GARRAFA. O BOLICHEIRO E CHICO SE ENTREOLHAM NOVAMENTE.

- Cruzeira - Aí eu perdi a cabeça e puxei a daga e êle me atropelou. Que é que eu ia fazê - dispará?
- Chico - É, assim não dá.
- Cruzeira - Me defendi. Não sou covarde! Me defendi até que o sangue me esquentou as maceta e eu enfiei-lhe a daga até onde deu. Mas pra o que me desafiou, me ofendeu? Êle nem era autoridade ali. Tinha vindo ali sé olhá as carreira, eu acho. Ou vai vê, tinha vindo porque sabia que eu andava cuidando um tostadinho que ia corrê naquele domingo. E êle queria, mesmo, era me experimentá no ferro branco.

TORNA A BEBER, MAIS CALMO, FICA OLHANDO O COPO.

- Cruzeira - Eu não bebo nunca, sabem? Quem bebe, fica com a mão tremendo e a minha mão não pode tremê nunca. Mas hoje eu precisava bebê. Amanhã vou sé outro home, começá vida nova, deixá de fugi. Eu tenho fugido demais e não hay quem goste disso. (BEBE OUTRA VEZ, PENSATIVAMENTE) Engraçado, eu nunca tinha falado em mim dêsse jeito. Pareço uma china velha...

Chico - Todo o mundo precisa desabafá, de vez em quando. Eu tenho esta viola, prá quem digo tudo quanto quero e ela me escuta quieta.

Bolicheiro - E eu, qualqué dia dêsses, vou le contá a história do tal sargento que apareceu degolado na fronteira... e como - foi que agarrei a Noca prá criá.

CHICO OLHA VIVAMENTE PARA O BOLICHEIRO. DEPOIS, OS TRES VOLTAM A BEBER. CRUZEIRA OLHA O COPO OUTRA VEZ E FALA:

Cruzeira - Mas eu não nasci rúim. Eu até que era um guri bom... (BE-BE) Fui criado meio guaxo, pelos galpão das estância, muntando os cavalo que o meu pai compunha. (EVOCATIVO) Aqui lo sim é que era compositor! A miá mãe, nunca fiquei sabendo bem quem era, só sei que morreu do parto.

Chico - E o velho?

Cruzeira - Terminaram matando, nas Casuarina, por causa de mulher. Foi um capataz de estância, quando eu já tinha os meus quinze ano. Se chamava Alcione. Foi o primeiro home que eu matei.

BEBE OUTRO TRAGO, QUASE COM NOJO.

Bolicheiro - E depois?

Cruzeira - Depois fiquei por aí, gauderiando. Não tinha mais pêso - prá corredor e ninguém se animava a me deixá cuidá um cavalo, que era o que eu queria.

Chico - E aí?

Cruzeira - Me metí numa comparsa de esquila, no verão. Fumo tosá as ovelha do Coronel Sebastião Macedo, no Carumbé.

Bolicheiro - Conheço. Me dou muito com um cunhado dêle.

Cruzeira - Num baile, discuti com um cabo do Coronel João Francisco e êle se botou em mim, de facão. Tinha china olhando e êle quis se exhibí. Foi o único home que eu não matei de um bote só. Primeiro, dei-le um talho na cara.

Chico - Por quê?

Cruzeira - Me deu raiva. Era um provalecido. Me escolheu por que eu era meio nôvo e tava dançando de par efetivo com uma das moça da casa. Primeiro quis dá de plancha. Depois, se asustou, rolou o facão na mão e quis me cortá. Foi aí - que me incomodei e passei-le a daga na cara. Depois, tive que matá.

Bolicheiro - É daí?

Cruzeira - Terminei entrando prá o exército do Coronel João Francisco, em Santana do Livramento. Foi gente minha que matou o Almirante Saldanha da Gama, não sabiam?

Chico - Já tinha ouvido dizê.

Bolicheiro - É, o seu Libório contou que tinham lanceado o home.

Cruzeira - Era valente, mas não sabia andá a cavalo.

JOÃO CRUZEIRA TORNA A BEBER, ENCHENDO O COPO E MEIO ESVAZIANDO A SEGUNDA GARRAFA.

- Chico - É verdade que o João Francisco mandou matá muita gente?
- Cruzeira - O Coronel não é nem melhor nem pior que os outro. E ainda fez uma coisa boa: acabou com os ladrão na campanha. É ou não é?
- Bolicheiro - Ah, é.
- Chico - É verdade que o amigo era um dos mimoso do João Francisco?
- Cruzeira - Eu? Hãh! Nunca soube de ninguém que gostasse de mim. Tem muita gente que me respeita, ou que tem medo. Mas gostá, gostá - mesmo, ninguém.

Bolicheiro - A vida tem dessas cousa, amigo, mas a gente não pode se achicá assim no mais...

Chico - Ah, é.

Bolicheiro - Mas bueno, pode ficá a vontade, aqui. Já sabe que entre nós - ninguém faz pergunta...

Chico - A não sé a Noca...

Cruzeira - Tive proseando um pouco com ela. Não andasse eu nesta vida...

CHICO LEVANTA VIVAMENTE A CABEÇA, DEPOIS DISFARÇA:

Chico - Eu vou fazê tempo até a hora da bóia. Tou com vontade de cantá alguma coisa, lá fora, no pátio, vendo a lua.

E SAI, SEGUIDO PELO OLHAR INTRIGADO DO BOLICHEIRO. CRUZEIRA, QUE NADA NOTOU, BEBE DE NOVO.

Bolicheiro - Pois o amigo já sabe que a Noca não é bem miá filha. Peguei - prá criá bem piquinininha, depois que se passou uma coisa muito triste. (BAIXO) Foi quando o tal sargento apareceu degolado...

Cruzeira - E a Noca... é filha... dêsse sargento?

O BOLICHEIRO BAIXA A CABEÇA, POR UM MOMENTO, E DESCONVERSA:

Bolicheiro - Qualqué dia le conto o causo todo. O importante é que a Noca foi criada como filha e é a dona de casa aqui e aí em redor todos respeitam ela como moça-família. E guria boa, boa mesmo, tá aí. Trabalhadeira, obediente...

Cruzeira - Foi que me pareceu. E é muito linda, também.

Bolicheira - Bueno, não bamo estragá a guria com tanto mimo. Então tá: o amigo fica por aqui que eu ainda vou acertá uns trçoço lá dentro, antes da janta. Qualqué cousa, me chame.

E SAI, DEIXANDO O BOLICHO MAL ALUMIADO PELO LAMPEÃOZINHO DA NOCA. JOÃO CRUZEIRA FICA SÓLITO, OLHANDO FIXAMENTE A GARRAFA DE CANHA SOBRE O BALCÃO. LEVANTA O COPO MAS NOTA QUE ESTÁ VAZIO. BEBE DIRETAMENTE DA GARRAFA. A LUA, PENETRANDO PELA JANELA DO FUNDO, ILUMINA O GAÚCHO E A GARRAFA, SILHUETANDO-OS. ELE ARRANCA A VINCHA E JOGA-A FORA. ENTRAM PELA JANELA OS PRIMEIROS ACORDES, NA GUITARRA DE CHICO, DA CANÇÃO "ÍNDIO VAGO", DE LUIZ MENDES. CHICO CERTAMENTE ESTÁ RECORTADO CONTRA A LUA, NALGUMA RAÍZ DE UMBÚ, CANTANDO SUAS MÁGOAS. JOÃO CRUZEIRA PARECE NÃO OUVIR OS VERSOS:

Voz de Chico, cantando:

" Índio vago,
solitário das estradas,
irmão das almas penadas,
tropeiros de assombrações
que varando os horizontes
vai levando de reponte
a dor das desilusões.

No teu rasto
 ficam estórias e lendas
 que se contam pelas vendas
 num murmúrio de oração
 E continuas andando,
 andando, amando e peleando
 sem ter pouso, em rincão.

Mas um dia,
 nalguma volta de estrada,
 uma cruz mal falquejada
 teu pingo irá sufrenar...
 Será o fim da tua carreira
 na peleia derradeira
 que a morte irá te ganhar..."

O VIOLÃO AINDA PONTEIA. JOÃO CRUZEIRA ERGUE A GARRAFA E BEBE OUTRA VEZ. AINDA COM A GARRAFA NO AR, OUVI A PRIMEIRA VOZ E LEVA UM SUS-TO. LOGO SURGEM AS OUTRAS VOZES, LAMENTOSAS, SOTURNAS, QUE PARECEM BROTAR - DE SUA PRÓPRIA CONSCIÊNCIA, VOZES COM ÊCO, QUE ENCHEM O AMBIENTE:

- Eu sou o finado Alcione, João!
- QUASE NUM SUSSURRO, DEPOIS AS VOZES VÃO GANHANDO INTENSIDADE.
- Eu sou o cabo Venâncio, João!
- João Cruzeiro, tá me ouvindo? Eu sou o Tito Cardoso! Eu era o Tito Cardoso, João do diabo!
- João, por que tu me mataste? Eu sou o José da Lica!
- Quantas marca tu tem agora, João Cruzeiro? Eu sou o Secundino!
- João Cruzeiro, eu sou o Maneca! O finado Maneca, tu ainda te lembra?
- João Cruzeiro, não me esqueceste? Eu sou o Machadinho do Rincão de São Miguel!
- Eu sou o Prudêncio, João Cruzeiro!
- Eu sou o Tiago. Tu me mataste, João Cruzeiro!
- SEMPRE FUGINDO, COVARDE? EU SOU O COMISSÁRIO ELESBÃO!

JOÃO CRUZEIRA ESTÁ AGORA FRANCAMENTE SOBRESSALTADO COMO NUM PESADELO, AS VOZES BROTAM DE TODOS OS LADOS, SUSSURRADAS, GRITADAS EM ATROPELO. BÊBADO, O GAÚCHO TEM AS PERNAS AFASTADAS, EM GUARDA, E OS BRAÇOS ARQUEADOS. COM A BÓCA ABERTA, VIRA A CABEÇA PARA TODOS OS LADOS. AS VOZES AGORA RECOMEÇAM BAIXINHO, ATÉ UM GRITO FINAL:

- João Cruzeiro covarde!
- João Cruzeiro covarde!
- João Cruzeiro covarde!
- João Cruzeiro covarde!
- João Cruzeiro covarde!
- João Cruzeiro covarde!
- João Cruzeiro covarde!
- João Cruzeiro covarde!
- João Cruzeiro covarde!
- João Cruzeiro covarde!
- JOÃO CRUZEIRA COVARDE!!!

DE PÉ, NO MEIO DO BOLICHO, DESFIGURADO E OFEGANTE, JOÃO CRUZEIRA ARRANCA A ADAGA, EM SÚBITO DESCONTROLE, COM A VOZ EMPOSTADA PELA EMOÇÃO E A CANHA, BRADA, ANGUSTIADO:

Cruzeira - EU NÃO SOU COVARDE!...



E COM A ADAGA VARRE DO BALCÃO GARRAFAS E COPOS, COM GRANDE BARULHO. O BOLICHEIRO E NOCA APARECEM À PORTA DOS FUNDOS. A MOÇA TRAZ UMA VELA NA MÃO, ASSUSTADA.

Bolicheiro - Que foi, rapaz?

Noca - (AO MESMO TEMPO) O que foi? O que foi?

JOÃO CRUZEIRA, DE PÉ, EMPUNHANDO A ADAGA, VAI SERENANDO AOS POUCOS, ATÉ QUE, COM AS COSTAS DA MÃO QUE EMPUNHA A ARMA, LIMPA O SUOR DA FRONTE, ENTÃO RESPONDE, MANSAMENTE:

Cruzeira - Não foi nada. Acho que dormi e tive um pesadelo. Já passou.

GUARDA A ADAGA. E ALTIVO, ERETO, CAMINHA DEVAGAR ATÉ A PORTA DOS FUNDOS, POR ONDE SE SOME, SEGUIDO PELA MOÇA. O BOLICHEIRO AGARRA O LAMPÃOZINHO E INSPECIONA RÁPIDAMENTE O BOLICHO, COM CARA DE PENA. DEPOIS, SACODE A CABEÇA E VAI EMBORA, TAMBÉM PELA PORTA DOS FUNDOS. O BOLICHO FICA SÓLITO, COMO VIVENDO UM POUCO DE SUAS MEMÓRIAS, ALUMIADO APENAS PELO TEIMOSO RÁIO DE LUA. OS GRILOS VOLTAM A CANTAR.

(FIM DO PRIMEIRO ATO)



Teatro de Arena
 Av. Borges de Medeiros, 835
 Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

SEGUNDO ATO

(Quando abre o pano, o bolicho está de cara nova. É o domingo das carreira, lá pelas quatro horas da tarde. Deve haver no cenário alguma modificação sensível que indique esse - interregno de três meses)

UM HOMEM DE TRÁGICO ASPECTO ESTÁ PARADO À PORTA DA DIREITA DO BOLICHO, FALQUEJANDO UM PAUZINHO COM UM CANIVETE MEIO OCULTO A QUEM OLHE DO BOLICHO, MAS BEM VISÍVEL À PLATÉIA. É OVEIA, O IRMÃO DO COMISSÁRIO E - LESBÃO. VESTE TODO DE PRETO E TEM A BARBA CRESCIDA. NOCA ENTRA PELA ESQUERDA E, A PRINCÍPIO, NÃO VÊ O ESTRANHO GAÚCHO ENCOSTADO À PORTA PRINCIPAL. A Ç MOÇA TRAZ UMA VASSOURA RÚSTICA NA MÃO E COMEÇA A ARRUMAR UM POUCO O BOLICHO. SEM TRANÇAS, BEM ARRUMADA, NOCA PERDEU AQUELE JEITO DE GURIA DO PRIMEIRO ATO E USA UMA ALIANÇA NA MÃO DIREITA. QUANDO ELA SE APROXIMA DA PORTA, O OVEIA FALA:

Oveia - Boa tarde, moça.

Noca - (LEVANDO UM SUSTO) Boa...boa tarde. (RECUA UM POUCO) Não tinha visto o senhor chegá.

Oveia - É. Eu vou me demorá pouco. Só queria sabê uma coisa. ...Onde é que anda o pessoal d'êste bolicho?

OVEIA FALA CAUTELOSAMENTE MAS APARENTA INTEIRA CALMA.

Noca - Tão tudo nas carreira, o senhor não sabia? Hoje tem comércio - de carreira, aí na cancha do Passo.

Oveia - É? De quem?

Noca - Um dos dono da carreira grande é o meu padrinho, que mora aqui. O outro é um estancieiro, o seu Libório Alves, conhece?

Oveia - Não, não conheço.

Noca - (DISPARÇANDO A DESCONFIANÇA) O senhor... não é daqui?

Oveia - (DEPOIS DE UMA PAUSA) Não, não sou.

Noca - Vem de longe?

Oveia - (SORRI TRISTE) De muito longe.

Noca - Prá quê? O que é que o senhor faz?

Oveia - (SORRINDO) Eu? (AMARGO) Mato... cobra. Uma delas picou um irmão que eu tinha e desde aí eu não posso mais vê cobra.

Noca - Aqui não tem cobra. Nunca vi nenhuma.

Oveia - (DEPOIS DE CONSIDERAR A MOÇA) É que a gente não vê mesmo. Só o bote quando já é tarde demais.

Noca - (EMBARAÇADA) Engraçado, o senhor me dizê isso...

Oveia - Engraçado por quê? Tem gente prá tudo, neste mundo. Tem gente que mata ovelha, tem gente que mata os bicho de caça... tem gente até que mata gente, mesmo. Eu mato cobra. Faço bem ou não faço. Quem sabe, o dia que eu matá uma cobra bem perigosa, quantas vida não vou salvá, hein?

Noca - E o senhor tá de luto pelo seu irmão?



- Ovêia - (SACODE A CABEÇA, CONCORDANDO) Tou. Era mais moço do que eu, o único irmão que eu tinha. Sempre foi um home brigão, meio esquentado, mas era valente e bom. Fez favor prá muita gente no lugar onde morava. (AMARGO) E agora morreu.
- Noca - Eu sinto muito, pelo senhor. Mas nós todos temo o nosso dia e quando êle chega a gente vai. É o destino de cada um. Como é que o senhor disse que era o nome do seu irmão?
- Ovêia - (DEPOIS DE UMA PAUSA) Eu não disse. (DESVIANDO) Qué dizê que o seu padrinho é o dono, aqui, do bolicho?
- Noca - É, êle foi prá carreira, mas daqui a pouco tá de volta, com os outro. (PAUSA) Como foi que o senhor veio prá cá?
- Ovêia - Vim do Plano Alto. Pousei uma noite lá, num bolicho grande.
- Noca - Deve sê o bolicho do seu Elias. Êle falou em nós?
- Ovêia - Mais ou menos. E, como eu tinha que passá por aqui...
- Noca - O senhor qué comprá alguma coisa ou vai esperá os home?
- Ovêia - Tou com vontade de dá uma olhada nas carreira. Pode sê que os home demorem...
- Noca - Pode sê que sim, pode sê que não. A carreira grande nós já ganhemo. Eles ficaram por lá vendo as outra. A dona Chininha me trouxe de tflburi, prá eu abri o bolicho e arrumá a casa. Ela tá lá dentro, com a filha tomando café.
- Ovêia - (OLHANDO A ALIANÇA DA MOÇA) A senhora, inda que mal pergunte, é noiva?
- Noca - (SURPRESA) Sou sim.
- Ovêia - E o seu noivo... onde é que anda?
- Noca - (OLHANDO TERNAMENTE PARA A PRÓPRIA ALIANÇA) Tá com o meu padrinho e os outro nas carreira; êle é o nosso compositor.
- Ovêia - Hum. Prá quando é o casamento, que não é da miá conta?
- Noca - Ainda não marquemo data. Mas êle é assim mesmo: pode sê de uma hora prá outra, como o noivado.
- Ovêia - Êle não é daqui.
- Noca - N-não. Chegou aqui há uns três mês.
- Ovêia - Talvez eu conheça. (CAUTELOSO) Como é o nome... dêle?
- Noca - É... João.
- Ovêia - A senhora é uma moça muito bonita...(RESOLVIDO) Bueno, acho - que vou comprá uma garrafa de canha. Pode me despachá?
- Noca - (INDECISA) Posso, sim...
- APANHA UMA GARRAFA DAS PRATELEIRAS E ENTREGA AO GAÚCHO, TÍMIDA MENTE. ÊLE TIRA DA GUAIACA DUAS MOEDAS E DÁ À MOÇA, PREOCUPADO. PEGA A GARRAFA E VAI SAINDO. PERGUNTA:
- Ovêia - É isso, não é?
- Noca - (DÁ-SE CONTA, OLHA O DINHEIRO NA MÃO) É - é sim...(ANSIOSA AO VER QUE O OVEIA VAI EMBORA) O senhor não disse...se conhecia o meu noivo!...



- Ovêia - (DETENDO-SE UM POUCO) Há tanto João por aí!... (DEPOIS EM OUTRO TOM) Tomara que esse seu noivado não tenha sido meio apressado...
- Noca - Hein?(EMBARAÇADA) O que é que o senhor vai fazer agora?
- Ovêia - (SUSPIRA) Moça, este Rio Grande é uma terra mui baguala. Muitas vêz a gente é obrigado a fazer uma coisa que magoa as outras pessoa. E a gente não tem culpa! Mas se nós não se vê mais, felicidades prá senhora...e não fique me querendo mal!
- OVEIA SE RETIRA PENALIZADO E NOCA MORDE O POLEGAR, INDECISA. DE POIS, APRESSADAMENTE, ESCRIVE UM BILHETE NUM PEDAÇO DE PAPEL COM UM TÓCO DE LÁPIS. QUANDO TERMINA, ENTRA CHICO APRESSADAMENTE E A MOÇA LEVA UM MEDO SUSTO COM A CHEGADA INTEMPESTIVA DO AMIGO.
- Chico - Ah, tu tá aí?
- Noca - (PREOCUPADA) Ainda bem que tu chegaste, Chico. Eu preciso mandá um bilhete prá o João.
- Chico - Ele ainda ficou na cancha com os outros, mas daqui a pouco andam por aí. Eu vim na frente por que queria falá contigo. Quem era aquêle que saiu daqui?
- Noca - Pois o bilhete é sobre isso. Eu acho que se trata do tal Ovêia, o home que anda procurando o João.
- Chico - Pois bem me pareceu um tipo meio estranho; mas será que é êle?
- Noca - No começo eu duvidei, mas agora, pensando bem, só pode sê êle. Contou uma estória de matá cobra e coisas assim e eu, que já tava meio desconfiada, agora tenho certeza. Só pode sê êle. E eu quero que tu vá avisá o João.
- Chico - Prá quê?
- Noca - (ESCANDALIZADA) Como, prá que? Ué, prá ficá prevenido, esse home pode atacá pelas costas e...
- Chico - Então não é o Ovêia.
- Noca - Como?
- Chico - O Ovêia que procura o João não ataca pelas costa. Começa que se trata de um home bom, que nunca andou metido em peleia.
- Noca - Foi o João que te disse isso?
- Chico - Foi.
- Noca - Então por que é que agora esse home tá disposto a matá e a morrer?
- Chico - Ué, porque o João também matou o irmão dêle.
- Noca - E a gente não pode fazer nada prá atacá essa briga?
- Chico - Agora que êle já tá aqui? Só matando um dêles.
- Noca - E tu diz isso assim, como se se tratasse da coisa mais simples do mundo?
- Chico - E que tu qué que eu faça - que me descabele - porque dois home querem se matá?
- Noca - Eu quero só que tu avise o João.
- Chico - Bueno, isso eu posso fazer, mas não vai adiantá nada.
- Noca - Até parece que tu tá querendo que os dois se encontrem...



- Chico - Pois se parece, não é culpa minha. Gosto muito desse rapaz, o João. Acho mesmo que ele não tem vocação prá bandido e sim prá compositor. Mas ele matou o irmão do outro. Bem ou mal, não sei, mas matou e agora o fandango tá formado. Eu não tenho nada que vê, mas me preocupo por tua causa.
- Noca - Tu também acha que o meu contrato de casamento foi meio apressado?
- Chico - Tu qué sabê duma coisa? Acho que sim.
- Noca - Bueno, é a segunda pessoa que me diz isso, hoje.
- Chico - Quem foi a primeira?
- Noca - Esse que saiu. O tal Ovêia.
- Chico - Isso prova que ele não é ruim.
- Noca - Não é ruim mas veio matá o João.
- Chico - (MUDANDO DE TOM) Noca, em três mês tu passaste de guria a moça feita. Amadureceste. Mas essa tua paixão pelo nosso compositor ainda tem muito de atração de guria pela fama do bandido, do home de corage. Mas isso passa. O teu noivo é um home comum. Comum como qualqué de nós. E assustado. Terrivelmente assustado. As noite dêle são cheia de pesadêlo. Te lembra daquela primeira noite, no bolicho?
- Noca - (ESTREMECENDO) Se me lembro! Nunca vou esquecê...
- Chico - Ele sonha com os home que matou. Onte, de madrugada, saltou da cama com a daga na mão, lavado de suor, gritando. Tu acha que isso é vida?
- Noca - Mas ele é um home bom, não é?
- Chico - Ah, é, mas o inferno tá cheio de gente boa assim. Esses home tem sina ruim. Carregam o mal por onde andam. Não é culpa d'elles, é como se fosse um fado.
- Noca - Será que é?
- Chico - O João é quase um guri, quase um irmão prá mim. Mas olhá prá ele é como olhá prá daga desembainhada ou uma cruz de cemitério.
- Noca - Credo, Chico, não diz isso!
- Chico - Tu já viste bem os olho d'ele? Parados, vendo a gente pelo lado de dentro? Eu tenho pena desse rapaz, Noca. Muita pena, mesmo. E ele gosta de nós como se a gente fôsse a família que ele nunca teve.
- Noca - Tu acha que ele gosta de mim?
- Chico - É claro que gosta. Mas a sina ruim que ele tem é mais forte que qualquer amor.
- Noca - Eu tenho que saf' aqui Chico. Eu quero saf' aqui com ele. Prá qualqué parte, até prá Banda Oriental.
- Chico - E prá quê? Tu também vai começá fugindo? Aonde tu chegá vai chegá a tua estória. Não vai adiantá nada. Não adiantou nada prá o João, não foi?



- Noca - Talvez tu tenha um pouco de razão, mas isso não muda as coisas. Tu não acha que o João precisa de mim?
- Chico - Ah, precisa, Noca. Ele precisa desesperadamente de ti.
- Noca - Isso, ser necessitada mais do que amada, talvez...isso é bom, Chico. Isso dá valor pra gente. Tu disseste que o João é quase um guri. Engraçado...
- Chico - Engraçado, o quê?
- Noca - Eu também vejo êle como uma criança perdida que me estende os braços. E êle é tão bom, tão só, tão triste! Eu vou ficá com êle até o fim, Chico. Tu sabe disso, não?
- Chico - (SACODE A CABEÇA, CONCORDANDO) Sei, sim Noca. Eu te conheço bem. Infelizmente eu não vejo esse fim muito longe. É tudo tão!...
- Noca - Tão o quê?
- Chico - Desde que êle chegou, há um clima de desgracia por aqui. Às vezes eu pego a viola e fico parado, quieto sem tocá nada. Antes de rebentá a revolução eu também andava assim, me lembro bem direitinho...
- Noca - Mas o que é que tu qué que eu faça - que desista do João?
- Chico - Seria melhor, mas tu não vai fazê isso. O que eu quero é te dizê que tou do teu lado, que quando tu precisá, pode chamá por mim. Faz de conta que tu vai pedi que eu cante, ou que bote água nos canteiro do teu jardim, como todos os dia.
- Noca - (DEPOIS DE UMA PAUSA) Chico, eu preciso que tu me deseje felicidade.
- Chico - (TRISTE) Pois eu te desejo, Noca. Tôda a felicidade do mundo!
- NOCA ENPIA O BILHETE NA MÃO DE CHICO, FECHA-A E BEIJA-A, ANTE A SURPRESA DESTE. DEPOIS SAI RÁPIDAMENTE PARA O INTERIOR DA CASA. O RAPAZ PERMANECE UM INSTANTE PERPLEXO. ACARICIANDO A MÃO BEIJADA, APÓS O QUE GUARDA O BILHETE E VAI SAIR APRESSADAMENTE, MAS QUASE ESBARRA NUM CASTELHANO PACHOLA QUE VEM ENTRANDO, ARRASTANDO AS ESPORAS, MAGRO, ALTO, MELENUDO E BIGODUDO, O CASTELHANO TRAZ UMA ENORME ESPADA À CINTURA.
- Castelhano - Que se pasa parcero?
- Chico - Tenho que dá um pulo até as carreira. Inda que mal pergunte, o que é que o amigo deseja?
- COM A ATENÇÃO NA PORTA, CHICO DESPACHA UMA GARRAFA DE CANHA. O CASTELHANO BOTA A MÃO NOS COPOS DA ESPADA E PERGUNTA, APARENTANDO MÁS INTENÇÕES:
- Castelhano - Pues...uma betella de caña no más.
- COM A ATENÇÃO NA PORTA, CHICO DESPACHA UMA GARRAFA DE CANHA. O CASTELHANO BOTA A MÃO NOS COPOS DA ESPADA E PERGUNTA, APARENTANDO MÁS INTENÇÕES:
- Castelhano - Quanto le debo?
- Chico - (SURPRESO E APRESSADO) Nada, amigo, não se preocupe...

E SAI, QUASE CORRENDO; O CASTELHANO SE SENTA SOBRE UNS SACOS ABRE A GARRAFA E TOMA UM LARGO TRAGO, LIMPANDO OS BIGODES CAÍDOS. NOCA ME TE A CABEÇA PELA PORTA DOS FUNDOS, À ESQUERDA.

Noca - Boa Tarde. O Chico já se foi prá's carreira?

Castelhano - Chico? O que tenia prisa? Sí, creo que sí.

Noca - E o senhor vem de lá?

Castelhano - Sí creo que sí.

Noca - Não viu por lá o dono d'este Bolicho e o João? O nosso compo sitor?

Castelhano - No, creo que no.

Noca - É que o Chico se largou a pé, pode se desencontrá d'êles, que vem a cavalo. O senhor não acha?

Castelhano - Sí, creo que sí.

Noca - (IRRITADA) O senhor não sabe falá de outro jeito?

Castelhano - No, creo que no.



NOCA SE RETIRA BRABA E O CASTELHANO BEBE MAIS UM POUCO, DESCANSADAMENTE. AÍ OUVI O BARULHO DE GENTE QUE CHEGA. DEPOIS DE UM MOMENTO EN-TRAM PELA DIREITA O BOLICHEIRO E O CRUZEIRA, ALEGRES, E COM TRAJES COLORI-DOS E COMINGUEIROS.

Bolicheiro - (PARA O CASTELHANO) Buenas tarde.

Cruzeira - (PARA O CASTELHANO) Buenas.

Castelhano - (ENTONADO) Buenas prá capá, porque tá fresco!

O BOLICHEIRO E O CRUZEIRA TÊM UMA CÔMICA SURPRESA E SE ENTRO -LHAM, GOZANDO A SITUAÇÃO. E O CASTELHANO NEM ÁGUA SEGUE BEBENDO, DE CARA A MARRADA, BANCANDO O VALENTÃO.

Cruzeira - (IGNORANDO O CASTELHANO) A Noca é que vai ficá contente...

Bolicheiro - Pudera!

Cruzeira - Com o dinheiro que ganhei, mais um cobrezito que tenho comi-go, vou podê levantá com ela daqui.

Bolicheiro - Ela fala muito em saf daqui, não é?

Cruzeira - É, parece que sim.

Bolicheiro - Coitada. É porque se sente meio filha das macega mas quando vocês casarem, tu vai levá o bautistério dela, que eu tenho escondido.

Cruzeira - Não sabia. O senhor tem?

Bolicheiro - Ela é filha legítima do sargento Hilário Gomes, que por si -nal tem o mesmo sobrenome que eu, mas não era meu parente. - Era viúvo. A Noca tinha dois ano quando êle morreu.

Cruzeira - Êle... morreu?...

Bolicheiro - Foi, mas morreu no cumprimento do dever, combatendo os con -trabandista.

Cruzeira - Era o tal sargento, aquêle que apareceu degolado?

Bolicheiro - (TRISTE, SACODE A CABEÇA, CONCORDANDO) Por acaso... entrei no rancho e vi a criança, sólita. Af fiquei... com pena, e peguei prá criá. Mas ela é filha legítima. Eu tenho o documento. Nunca mostrei prá ela porque pode começá a fazê pergunta demais...

Cruzeira - Não se preocupe com isso. Ela gosta muito do senhor.

Bolicheiro - Agora somos nós dois a sabê...

O BOLICHEIRO OLHA O CASTELHANO E DISPARÇA, INICIANDO OUTRA CONVERSA.

Bolicheiro - Pois amigo João, eu já ganhei outras carreira do seu Libório. Mas como esta, eu não tinha visto! E olhe que o nosso corredor largou de atrás como bola de porco! O guri bobo se descuidou e quando o juiz baixou a bandeira êle largou mal.

Cruzeira - É que o outro é muito bom.

Bolicheiro - Aliás, aquêle negrinho do seu Libório melhora de carreira prá carreira. Viu só o jeito com que êle controlou o animal? Parecia que tinha nascido no lombo do cavalo, o infeliz!

Cruzeira - É, o crioulo é dos bom. Mas o nosso vai dá buenaço, também. É que é muito nôvo.

Bolicheiro - Mas será que, com o tempo, não vai pegá pêsso demais?

Cruzeira - Só se êle engordá muito. Ele é baixote, retaco, mas é magro. Pelo jeito, vai morrê de velho correndo carreira. A pau e corda chegará a 55 quilo.

Bolicheiro - Eu meio que me assustei naquela hora em que parecia que a égüinha ia destrilhá, alí pela quadra e meia.

Cruzeira - Pois foi af que eu ví que o nosso índio vai dá bom. Controlou a égua no pulso, no mais e sem tirá os olho do outro corredor.

Bolicheiro - Esse guri, se continua com a gente, tá feito na vida. Só por essa de hoje ganhou uma vaca com cria.

Cruzeira - E de mim ganhou um cavalo. E do Chico, um par de botas.

Castelhano - (LEVANTANDO A GARRAFA) Y de mí, un trago de caña!

O CASTELHANO BEBE PACHORRENTO. O BOLICHEIRO TIRA UM REVÓLVER NAGÃO DA CINTURA. O CASTELHANO ABRE O ÓLHO MEIO ASSUSTADO; MAS AÍ O BOLICHEIRO SE DIRIGE AO CRUZEIRA.

Bolicheiro - Olha, chê, tu viste quando eu ganhei êste revólve lá nas carreira. Hoje é um dia especial prá nós, graças, principalmente, a ti, que cuidaste da miá égüinha e me fizeste ganhá uns bom cobre daquelas cola-chata.

Cruzeira - Isso até tá com jeito de discurso de despedida...

Bolicheiro - Não, quero que tu saiba que a tua chegada neste pago deu muita alegria prá todos nós. Te revelaste um home sério, trabalhador, bom companheiro, ao contrário do que se dizia por af.

Cruzeira - Assim eu vou ficá cheio de ganja...

Bolicheiro - Bueno, o que eu quero dizê é o seguinte: êste nagão é um presente prá ti, prá que te lembre sempre... bueno prá que te lembre sempre!

Cruzeira - É um lindo presente. (PEGA A ARMA) Vou guardá com muito cari
nho, se bem que a miá arma, mesmo, é a Maria-Clara (ABRE O
TAMBOR E OLHA). Ué, mas tá descarregado?

Bolicheiro - Não tinha visto. Vai vê que o Chico tirou as bala, por um se
acauso... Depois te arrumo umas.

Cruzeira - Acho que nem vai precisá. (APONTA A ARMA PARA O CASTELHANO,
QUE, ASSUSTADO, SE AFASTA) Lá vai bala!

Castelhano - Despacito, hermano, que el diablo le dio un balazo a la sue-
gra con un caño de bota no más!

OS OUTROS DOIS HOMENS SORRIEM COM A SAÍDA DO CASTELHANO.

Cruzeira - Mas eu não sei nem mexê num troço dêsses! Só uso a daga como
arma.

Bolicheiro - É, já notei. Mas por quê?

Cruzeira - Olhe, a faca tem muita serventia no trabalho. O facão também.
O revólve é a arma de respeito, que se usa como um documento.

Castelhano - Y la espada és el símbolo de la autoridad!

Cruzeira - Mas a daga não. A daga só serve prá peleia e mais nada. Nem
um cigarro se corta com ela. (ENFIA O REVÓLVER NA CINTURA E
PUXA A PRÓPRIA DAGA) Leviana, de boa empunhadura, tá sempre
ao alcance da mão.

Bolicheiro - É mesmo.

Cruzeira - É como uma cobra feita em aço: venenosa, fria e rápida. E
tão bandida, que já tem essa cruz, prá benzê os defunto que
fizé. É bem como a cobra que me deu o nome...

Bolicheiro - Qué dizê que o amigo não trocava a daga por um bom nagão?

Cruzeira - Só se fôsse prá morrê.

Bolicheiro - É, mas de daga tem que se chegá perto e de pistola se prende
fogo até de longe.

Cruzeira - É, mas quem não acerta o primeiro tiro, ou engasga, fica sem
dá o outro - a cruzeira tem o bote rápido...

Bolicheiro - E o Cruzeiro também...

Cruzeira - Nem tanto. Tenho tido é sorte.

PELA PORTA DOS FUNDOS APARECE NOCA ASSUSTADA.

Noca - O Chico não encontrou vocês?

Bolicheiro - Não. Por quê?

Noca - (PARA O CRUZEIRA) Mandei que levasse um bilhete prá ti.

Bolicheiro - É? O que dizia o tal bilhete?

Noca - (OLHANDO CRUZEIRA) Chegou um home hoje aqui, fazendo umas per-
gunta. Se vestia todo de preto e eu fiquei com mêdo que seje
o tal Ovêia.

O BOLICHEIRO TAMBÉM OLHA O CRUZEIRA, QUE, CALMAMENTE, GUARDA
DE NÓVO NA BAINHA A ADAGA QUE EMPUNHAVA, PERMANECENDO APARENTEMENTE CONCEN-
TRADO.

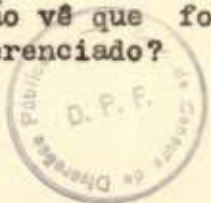
Bolicheiro - Mas e agora?

Cruzeira - (SURDAMENTE) Tinha que sê hoje!...

Noca - O quê?



- Cruzeira - Tinha que sê hoje! Tava tudo muito bom prá continuá. Eu já tava até estranhando... (RAIVOSO) Mas se êle pensa que desta vez eu vou fugi, tá muito enganado!
- ASSUSTADO, O CASTELHANO ESGUEIRA-SE PELA PORTA DA FRENTE E DE SAPARECE SEM QUE OS OUTROS NOTEM QUALQUER COISA.
- Bolicheiro - (PARA NOCA) Mas tu acha que é êle?
- Noca - (TRISTE) Acho que é.
- APRESSADO O BOLICHEIRO SE RETIRA, SAINDO PELA ESQUERDA, COMO SE FOSSE PROCURAR ALGUMA COUSA.
- Noca - João bão s'embora agora mesmo. A gente fala com o padrinho que êle compreende. Vamo prá costa do Quarafm, que lá ninguém te conhece...
- Cruzeira - (SUSPIRANDO) Eu tou cansado de fugi, Noca. E nem sei se é do Ovêia ou dêste maldito João Cruzeiro que vive em mim.
- Noca - Mas agora não é fugi. É i embora, só. Por mim, por nós João! Tu nunca tiveste ninguém que gostasse de ti. Agora tu tem!
- ABRAÇA-SE AO RAPAZ DESESPERADAMENTE. ÊSTE, DEPOIS DE UM MOMENTO, AFASTA-A DELICADAMENTE, MAS COM FIRMEZA.
- Cruzeira - Noca, tu também anda pensando em fugi, não?
- Noca - Quê?
- Cruzeira - Isso de querê se mudá prá outro lugar... Tu não vê que foi isso que fez de mim um índio vago, um desaquerenciado?
- Noca - Eu não entendo o que tu qué dizê...
- Cruzeira - Tomara que nunca precise entendê.
- Noca - Então vamo embora.
- Cruzeira - Assim não dá, Noca. Sai sem mais nem menos, de pé prá mão ... Tenho que esperá.
- Noca - Mas esperá o quê? Até que êsse Ovêia te mate? Ou que um ou tro venha tomá o lugar dêle?
- Cruzeira - (RESOLUTO) Quem tá na chuva é prá se molhá. Depois, ninguém me mandou me metê nessa vida.
- Noca - Tu fala como se gostasse disso!...
- Cruzeira - E quem sabe não gosto mesmo? Eu nunca te disse que era um home bom. Vivê fugindo é que eu te garanto que não é bom.
- Noca - Mas não é fugi...
- Cruzeira - (INTERROMPENDO) Eu cansei, Noca. Daqui agora eu saio livre ou morto. Ou as duas coisa junto. Tudo o que eu tenho feito é por demais: matei demais e fugi demais. Agora chega.
- Noca - Às vez tu parece mesmo uma cruzeira que arma o bote ou uma daga desembainhada...
- Cruzeira - Mas a vida que eu quero te oferecê não é essa. Eu quero um rancho onde possa cuidá os meus cavalo e tê família como - qualqué um. Quero que tu seje a mulher de um home de bem e não a companheira de desgraça de um condenado que vive fugindo.



- Noca - Na costa do Quaraim...
- Cruzeira - Na costa do Quaraim ou onde quer que seja, o que eu preciso é descansar um pouco e começá a vivê.
- Noca - Mas o padrinho acha que esse tal de Ovêia não te vence pe - leando...
- Cruzeira - (OLHA PARA A MOÇA, DEPOIS FICA PENSATIVO, ALHEIO) Eu me lembro do irmão d'êle. Rapaz nôvo, dizem que até era bom. Brabo como estava, parecia mais velho. Quando eu empurrei a daga, tôda aquela brabeza se foi. Sustentei o golpe com braço firme, com o vivente atravessado na daga, sentindo o pêsso d'êle no pulso. Vi quando a morte chegou. Ele tremeu todo por dentro e aquela tremura passou pelo ferro da daga, pelo meu braço e tomou conta de mim. Por um momento, nós fomos a mesma pessoa, os dois. Então êle me olhou. Parecia uma criança, com os olhos arregalados, como se não compreendesse que tava morrendo. Me olhou e ficou me olhando até que meti o pé nêle e puxei a daga. Então êle caiu, sempre me olhando, como pedindo uma explicação.
- Noca - Que coisa horrível!
- Cruzeira - E tôdas as noite, Noca, mas tôdas as noite, eu sonho com aqueles olhos... Tirá a vida de um home não é brinquedo. Matá é uma coisa tão séria, que só Deus devia matá!
- Noca - (ABRAÇANDO-SE, HORRORIZADA, AO GAÚCHO) E agora, João, o que é que nós vamos fazê?
- Cruzeira - (ACARICIANDO OS CABELOS DA MOÇA) O que eu não vou fazê é fugi.
- ENTRA PELA ESQUERDA O BOLICHEIRO, CARREGANDO O TAMBOR DE UM REVÓLVER, COM CARA DECIDIDA. CRUZEIRA AFASTA-SE DE NOCA E DIZ:
- Cruzeira - Eu quero que o senhor me prometa uma coisa.
- Bolicheiro - O que é?
- Cruzeira - Aconteça o que acontecer, ninguém se mete.
- Bolicheiro - Como?
- Cruzeira - O senhor vai me guardá êsse revólve.
- Bolicheiro - Mas...
- Cruzeira - O senhor me faz êsse favor?
- DESOLADO, O BOLICHEIRO OLHA PARA NOCA.
- Cruzeira - Nunca lhe pedi nada. Agora le peço isso. Guarde o revólve e não deixe, também, o Chico se metê. O senhor promete?
- RELUTANTEMENTE, O BOLICHEIRO SACODE A CABEÇA, CONCORDANDO. AÍ ENTRA CHICO, PELA PORTA DA FRENTE, MEIO AFOBADO.
- Chico - Não tinha encontrado vocês nas carreiras e me disseram que já tinham voltado. (PARA O CRUZEIRA) Tenho um bilhete prá ti.
- Cruzeira - Já sei. A Noca me contou. Tu viste o home?
- Chico - Só de relance. Me pareceu um tipo estranho, mesmo.
- Bolicheiro - Tu acha que é êle?
- Chico - Acho que é.
- Bolicheiro - Pode não sê...



- Chico - Ah, que pode, pode!
- Cruzeira - O que eu estranho é que nós não tenha cruzado com ele na estrada.
- Bolicheiro - Ele não é daqui, deve tê ido pela estrada real.
- Cruzeira - É. (AO CHICO) Ermão, vou te pedi um favor.
- Chico - Tu manda chê. Qualqué coisa.
- Cruzeira - Não é o que tu tá pensando. É bem ao contrário, até. Aconteça o que acontecê, eu quero que tu não te meta.
- Chico - Mas chê!...
- Cruzeira - Tu promete?
- Chico - Prometo, se tu qué que seja assim... Mas eu...
- Cruzeira - (CORTANDO) Tu prometeste.
- Chico - (DEPOIS) Tá bem.

QUEBRANDO A TENSÃO, ENTRA O CASTELHANO PELA DIREITA, LIMPANDO OS BEIÇOS COM A MANGA DA CAMISA SUJA. VÊ CHICO E SE ALEGRA, DIRIGINDO-SE I-MEDIATAMENTE A ELE, COM ARES DE PATRÃO.

Castelhano - (PARA CHICO) Ah, Chê, otra botella de caña!

Chico - Já? E aquela outra que tu levaste?

Castelhano - Lo que pasó, pasó. Otra botella de caña!

Bolicheiro - Dá duma vez, Chico, prá te vê livre.

O CASTELHANO PÁRA COM ARES DE DONO JUNTO AO BALCÃO, EVIDENTE MENTE ESPERANDO A GARRAFA. CONTRARIADO, CHICO FAZ A ENTREGA. ALHEIOS À CENA, CRUZEIRA E NOCA CONVERSAM EM VOZ BAIXA. O CASTELHANO BOTA A MÃO NA ESPADA E PERGUNTA, BRABO:

Castelhano - Quanto le debo?

Chico - Nada, amigo, nada.

Castelhano - (BRABO) Bueno... gracias!

DESTAMPA A GARRAFA E SAI BEBENDO NO GARGALO, FANFARRÃO, O BOLICHEIRO, QUE A TUDO ASSISTIU, CÔMICAMENTE ASSOMBRADO, VOLTA-SE PARA CHICO.

Bolicheiro - De onde saiu essa bisca?

Chico - Isso é um castelhano que ficou uns dia aí na estância do seu Felipe. É a segunda garrafa que ele me leva de graça. Na terceira, eu vou corcoveá com os arreio.

Bolicheiro - (GOZANDO) É, acho bom, porque se não, ele acaba me fundindo o bolicho.

CHICO DÁ UMA OLHADA PELA PORTA DA FRENTE CONTRARIADO.

Chico - Ué, essa foi o senhor que mandou dá, prá me vê livre. Lá tá ele, bebendo debaixo da ramada. Daqui a pouco, bota o resto da cachaça fora e vem buscá mais. Aí ele vai vê!

Noca - (ALTEANDO A VOZ) Não pode sê, João. Te garanto que não pode sê.

Bolicheiro - O que foi?

Cruzeira - A Noca. Não qué esperá prá vê se o home é o tal Ovêia.

Noca - Eu senti que é ele. O melhor é nós não esperá.

Cruzeira - Pois se é, aí mesmo que eu quero ficá, esperando.



Teatro de Arena

Av. Borges de Medeiros, 335

Fone: 226.0242 - CEP 90010-025

- Noca - Esperá, esperá! Eu tenho esperado a vida tóda prá sai daqui. Vamo embora, João. A gente se casa na primeira capela que en contrá no caminho.
- Bolicheiro - Olha, ché, esse é o melhor conselho que posso te dá. Tem mui ta coisa que tu pode fazê na fronteira. Até contrabando. Con trabando é negócio bom, sempre.
- Chico - E honesto.
- Bolicheiro - Ah, é, e honesto! Sêda, arma, até ouro. É dinheiro certo. Me agrada que tu não vai sê dêsses que ficam o dia inteiro so cado em casa, incomodando as mulher.
- Noca - E lá vai sê fácil tu cuidá de cavalo. Em casa, mesmo, tu po de levantá uma estrevaria e uma ramada.
- Chico - E quando eu cantasse aquela décima que fizeram prá ti nin guém mais ia se lembrá do famoso João Cruzeiro.
- Bolicheiro - Inclusive tu podia viajá sólito e depois vinha buscá a Noca.
- Noca - Não, o melhor é a gente se largá junto agora mesmo. Quanto mais cedo melhor.

PARA DISFARÇAR O EMBARAÇO CRUZEIRA OLHA PELA PORTA E VOLTA-SE PARA O CHICO.

Cruzeira - Olha, aquêlê castelhano vem aí outra vez.

Chico - Ah, é? Patrão, me empreste esse revólve!

RECEBE O REVÓLVE DO BOLICHEIRO E COLOCA EMBAIXO DO BALCÃO, A TRÁS DO QUAL FICA MUITO SÉRIO, FINGINDO DESATENSAO. ENTRA O CASTELHANO, FANFARRÃO COMO SEMPRE, E VAI DIRETO AO CHICO.

Castelhano - Ché, otra botella de caña!

CHICO ENTREGA-LHE OUTRA GARRAFA, DE CARA AMARRADA, DEBRUÇA - SE NO BALCÃO, E FICA OLHANDO O OUTRO NOS OLHOS; BRABO O CASTELHANO LEVA A MÃO NA ESPADA E PERGUNTA:

Castelhano - Quanto le debo?

COMO NUM RELÂMPAGO, CHICO SE ABAIXA, APANHA O REVÓLVER E EN COSTA O CANO BEM NO NARIZ DO CASTELHANO.

Chico - (QUASE GRITANDO) Me deve três garrafa, castelhano fiá duma mãe!

Castelhano - (PERDENDO O ENTONO, CONCILIADOR) Bueno...bueno... és poco...

TIRA O CABO DA ESPADA DA BAINHA - LÂMINA NÃO EXISTE! - E LEVANTA A BAINHA, FAZENDO ESCORREGAREM DELA ALGUMAS MOEDAS. SEPARA TRÊS E PA GA CHICO; SEMPRE OLHANDO RECEOSO, GUARDA AS OUTRAS MOEDAS E LOGO APÓS COLO CA O CABO DA ESPADA NO LUGAR; ISTO FEITO, VAI SAINDO MEIO DE BANDA, DES- CONFIADITO ... QUANDO CHEGA À PORTA, MURMURA, DELICADAMENTE:

Castelhano - Bueno... graças!

CHICO PERDE A PACIÊNCIA E FINGE QUE VAI BOTAR-SE NO FREGUÊS.

Chico - Agora, senvergonha!

APAVORADO, O CASTELHANO SAI CORRENDO. CHICO VEM ATÉ A PORTA, AINDA DE ARMA NA MÃO. OLHA PARA LONGE POR UM MOMENTO.

Chico - Ai vem alguém a tóda rédea. E é o seu Libório Alves.

Bolicheiro - (PREOCUPADO, INDO PARA A PORTA) Que será que êle qué aqui?

- Noca - Não sei porque, mas garanto que é sobre o home que anda procurando o João.
- Chico - (SEMPRE NA PORTA) Deve sê coisa grave, prá o seu Libório corré dêsse jeito. Ele vem como se fôsse tirá o pai da fôrca!
- AOS POUCOS TORNA-SE AUDÍVEL O BARULHO DOS CASCOS DO CAVALO DO ESTANCIEIRO, QUE VEM A GALOPE.
- Bolicheiro - O seu Libório pode tê os seus defeito mas é um home que não mede sacrificio prá ajudá um amigo.
- Cruzeira - Um amigo!...
- Bolicheiro - Um amigo, sim, porque não? E êle é apenas um dos que tu arrumaste por aqui.
- Noca - E agora que tu tem amigo e tudo, vai te arriscá assim sem mais nem menos?
- Cruzeira - (DEPOIS DE UMA PAUSA) Tu já viste uma cruzeira, Noca?
- Noca - (SURPRESA) Eu? Não, não vi.
- Cruzeira - Pois a cruzeira é uma cobra que só morde quando pisam em cima dela, quando não pode fugi mais. Tendo que mordê, ela morde bem, mas podendo, dispara. Eu sou assim, só peleio - quando não há mais escapatória. De maneira que não te preocupa - eu não vou desafiá ninguém.
- Noca - Mas e se êsse Ovêia te desafiá?
- Cruzeira - Se êle me desafiá...Ai bão vê.
- Chico - Bueno, aí vem o seu Libório.
- CHICO AFASTA-SE PARA DAR PASSAGEM AO ESTANCIEIRO. HOMEM DESAFEITO A PELEIAS, O SEU LIBÓRIO TEM AR TRÁGICO. COM O CHAPÉU NA MÃO, PICA PARADO NO MEIO DO BOLICHO, OLHANDO O CRUZEIRA. DEPOIS É QUE FALA:
- Estancieiro - Lá nas carreira chegou um tal Ovêia, irmão do comissário que o amigo João aí lonqueou lá pelo Pau Fincado.
- Bolicheiro - Hein? Como é?
- Estancieiro - (AFOBADO) O tal Ovêia, o home aquêle, anda lá nas carreira, meio bêbado, perguntando pelo João Cruzeiro, com a daga na mão. Eu acho que em seguida êle se vem prá cá. Quase matei o matungo prá avisá vocês.
- Chico - E não há de faltá um aspa-torta prá dizê que o João está aqui no bolicho.
- Estancieiro - Ah, é, e no mínimo, vem todo mundo junto, prá vê a peleia.
- Bolicheiro - Que jeito tem êsse home?
- Estancieiro - Todo de luto, barbudo, meio rengo, e tá caindo de bêbado.
- Bolicheiro - É o mesmo que falou com a Noca, então.
- Noca - E será que vem mesmo prá cá?
- Estancieiro - Ah, isso eu não sei.
- Chico - Tá armado de ferro branco, só?
- Estancieiro - Se tem revólve, tá escondido!
- Bolicheiro - João, tu precisa mesmo te largá daqui. O home tá chegando - por aí em dois minuto. Se vocês forem agora, a gente enterre te êle por aqui.



- Cruzeira - O senhor não me conhece bem. Não vê que eu não posso fugi..
- Bolicheiro - Não é fugi, rapaz, é evitá um encontro. Vocês são uns home de bem, trabalhador, e eu não quero que nenhum dos dois se desgrace á toa.
- BAIXINHO, CHICO E O ESTANCIEIRO TROCAM COMENTÁRIO.
- Cruzeira - Ele pode não vi.
- Estancieiro - Ah, isso pode.
- Bolicheiro - Mas se ele vié?
- Cruzeira - Bueno...Eu saf prá esperá na estrada ou voltá prá carreira, é provocação. Fugi é sê covarde. Assim, eu acho que devo esperá por aqui. É o que me parece melhor.
- Estancieiro - Eu também acho.
- Chico - É, o João tá certo.
- Cruzeira - Assim, se o senhor não se importa, vou esperá aqui o tal de Ovêia. Se até a noite êle não vié, eu vou-me embora com a Noca. Se êle vié...(CORRE O NAGÃO BEM PARA A FRENTE, AJEI - TANDO A GUAÍACA NA CINTURA) ... paciência!
- Bolicheiro - Mas rapaz, eu ainda acho que vocês deviam saf agora. É melhor prá todos assim. Tu te casava e tudo...
- Cruzeira - É e haviam de sê mui orgulhoso do pai os filho que nasce - sem. E a Noca, também, ia gostá de tê um marido fujão e covarde.
- Bolicheiro - Não é isso, chê...
- Cruzeira - Patrão, eu le respeito como um pai, mas nós já falemo nesse assunto. Se o senhor não qué que eu fique aqui, diga no - mais, que eu vou prá carreira procurá o tal home de uma vez.
- Bolicheiro - Não, não, pode ficá, mas é que...
- CALA-SE E HÁ UM SILÊNCIO CONSTRANGIDO NO BOLICHO.
- Noca - A gente precisava saf agora mesmo, João.
- Cruzeira - Não dá, Noca.
- Noca - Não dá, por que? Parece que há uma coisa rúm te prendendo aqui.
- Cruzeira - E quem sabe não há, Noca? Quem é que pode garanti?
- Noca - Não há nenhuma necessidade de te arriscá á toa, brigá com um borracho sem responsabilidade.
- Cruzeira - Êle faz o que acha certo, defendê a memória do irmão mais moço. E a mim, quem é que garante que eu tou certo?...
- Noca - Mas e eu? e nós? e o nosso amor?
- Cruzeira - Amor é uma coisa que Deus dá e tira quantos quisé, mas ver gonha na cara só nos dá uma.
- Chico - Af vem alguém a galope. Com a ramada tapando, não dá prá vê quem é, por enquanto.

O ESTANCIEIRO E O BOLICHEIRO CORREM PARA A PORTA. NOCA OLHA FIXAMENTE O CRUZEIRA, QUE, ABSORTO, TEM A ATENÇÃO PRÊSA NO BICO DA BOTA QUE MEXE NO CHÃO.

. . .



Estancieiro - Tá parecendo que é o Ovêia.

AOS POUÇOS OUVÉ-SE O BARULHO DOS CASCOS A GALOPE, QUE SE ACENTUA CADA VEZ MAIS, CRIANDO TENSÃO.

Bolicheiro - Jogo que não é. Vai passá sem chegá.

Chico - E não é mesmo. É o velho Dutra, que perdeu o filho na revolução.

AFASTA-SE O BARULHO DOS CASCOS A GALOPE. NOCA RESPIRA ALIVIADA E O BOLICHEIRO E O ESTANCIEIRO VOLTAM DA PORTA. O BOLICHEIRO CHEGA ATÉ ONDE ESTÁ NOCA.

Bolicheiro - Olha miá filha, tu vai lá dentro, arruma as tuas coisa. Esse home não vem mesmo até a noite e aivocês vão embora. Não te assusta que tá tudo bem.

INDECISA, NOCA OLHA PARA O CRUZEIRA. DEPOIS PARA O CHICO E TERMINA SAINDO PARA OS FUNDOS, APREENSIVA. CHICO SÁI DA PORTA E SE CHEGA PARA ONDE ESTÁ O CRUZEIRA, NO BALCÃO.

Chico - Chê, se o home vié, tu já decidiste o que vai fazê?

O CRUZEIRA FICA OLHANDO PARA ELE E O BOLICHEIRO APANHA CHICO - POR UM BRAÇO:

Bolicheiro - Chico, assim como quem não qué nada, tu entertém a Noca lá dentro. Leva a guitarra e toca um pouco. E não deixa nem por nada ela voltá para cá. A qualqué hora a coisa arrebenta.

CHICO OLHA O CRUZEIRA. DEPOIS APANHA A VIOLA E SAI. O ESTANCIEIRO VAI PARA A PORTA DA FRENTE, DE OBSERVADOR.

Estancieiro - As autoridades tinham que atacá essas coisa!

HÁ DE NOVO SILÊNCIO DE EXPECTATIVA NO BOLICHO. PELA PORTA DOS FUNDOS OUVÉ-SE AGORA, COM OS ACORDES DA VIOLA, A VOZ DO CHICO.

Voz do Chico, cantando:

"Índio vago,
solitário das estradas,
irmão das almas penadas,
tropeiro de assombrações,
que varando os horizontes
vai levando de reponte
a dor das desilusões..."



O CRUZEIRA LEVANTA VIVAMENTE A CABEÇA E FICA ESCUTANDO, OS ACORDES PONTEADOR CONTINUAM:

Estancieiro - O Chico velho já tá cantando...

Cruzeira - O senhor nunca escutou o fim dessa canção?

Estancieiro - Não, nunca vi o Chico cantá essa parte.

Cruzeira - Ele é mui meu amigo, por isso não canta. É que o verso fala de uma cruz de beira de estrada.

Voz do Chico, cantando:

No teu rasto
ficam estórias e lendas
que se contam pelas vendas
num murmúrio de oração.
E continuas andando,
andando, amando e peleando
sem ter pouso nem rincão..."

ENQUANTO O CHICO FLOREIA A VIOLA O CRUZEIRA VAI ATÉ O BOLICHEIRO

. . .

- Cruzeira - Patrão, se o tal Ovêia me matá, distribua os meus cobre com os amigo, prá que cada um tome um trago de canha por mim.
- Bolicheiro - Que diabo, também, que tu tá agourento, hoje! Dou o meu pescoço no picador como esse home nem aparece.
- Cruzeira - Honra de família, patrão! Não se esqueça do primeiro home que eu matei...
- Bolicheiro - E se vem o home, rapaz... tu vai tê que matá?
- Cruzeira - (DESCONSERTADO) Pois... não consigo pensá direito. O home não tá acostumado com peleia e ainda por cima parece que bebeu - bastante... Matá assim é a mesma coisa que fugi...E eu...
- Estancieiro - Ué, o Chico parou de cantá?
- Cruzeira - Ele não canta a última parte, eu não disse?
- Estancieiro - (EXCITADO) Agora sim vem alguém aí!
- O ESTANCIEIRO E O BOLICHEIRO GRUDAM-SE À PORTA, ANSIOSOS.
- Estancieiro - Desta vez é êle!
- Bolicheiro - Não, não é. Pelo cavalo, parece o Arnóbio Tôrres.
- Estancieiro - Naquele tordilho? Hãh! Além dum petiço aguateiro, o Arnóbio só tem o lazãozinho, aquêle que não desencilha nunca. Agora me parece...
- Bolicheiro - Não é o Arnóbio...
- VOLTA-SE CONSTRANGIDO PARA OLHAR O CRUZEIRA, QUE ESTÁ AO BALCÃO, MEIO DE COSTAS PARA A PORTA.
- Estancieiro - (EXCITADO) É esse o Ovêia, sim, aí vem êle!
- O BARULHO DOS CASCOS VOLTA A CRIAR TENSÃO NO BOLICHO.
- Estancieiro - Ué, mas será?...
- Bolicheiro - Parou...
- Estancieiro - Será que apeia?
- DEPOIS DE UMA PEQUENA EXPECTATIVA, OS DOIS HOMENS ABREM ALAS DESDE A PORTA DA DIREITA, ONDE NÃO TARDA A APARECER O VULTO NEGRO DO OVÊIA EMPUNHANDO A ADAGA. ESTÁ BÊBADO, MAS COM AQUELA FIRMEZA PERIGOSA DE QUEM BEBE SEM CONSEGUIR AFOGAR CERTAS COISAS. OVÊIA ENTRA UM POUCO NO BOLICHO, OLHA EM REDOR E FIXA JOÃO CRUZEIRA.
- Ovêia - É tu mesmo que eu procuro, não?
- Cruzeira - (VIRANDO, CALMO) Acho que sim, Ovêia.
- Ovêia - Pois trata de te defendê que eu vim vingá a morte do meu irmão!
- DOS FUNDOS DO BOLICHO OSACORDES DA VIOLA AINDA SE FAZEM OU - VIR. OVÊIA, EMBORA BORRACHO, FALA COM RAIVA E ENERGIA.
- Cruzeira - Eu não quero peleá contigo.
- Ovêia - (NERVOSO, RI) Porque? Já basta um da família na tua lista?
- Cruzeira - Não é isso. É que tou cansado de matá.
- Ovêia - Será que o famoso João Cruzeiro tá ficando com medo?
- Cruzeira - (IRRITADO) Não é isso! (MAIS CALMO) Olha, Ovêia, não vale a pena um de nós morrê. Isso não vai ressuditá o teu irmão.

Ovêia - Se eu morrê, descanso. Se tu morrê, eu descanso igual. O que é que eu tenho a perdê?...

OVEIA PÁRA DE AVANÇAR. APÓS UMA PAUSA TENSA O CRUZEIRA ATIRA A ADAGA AOS PÉS DO ADVERSÁRIO. OVEIA, O BOLICHEIRO E O ESTANCIERO NÃO DIS FARÇAM A SURPRESA.

Ovêia - Qué morrê sem peleá? Trata de agarrá a tua daga denovo o quanto antes!

Cruzeira - Já te disse que não quero peleá contigo.

Ovêia - (NERVOSO E CONFUSO) Mas isso não fica assim! Eu tenho uma morte a vingá! Te defende, João Cruzeiro!

CALMAMENTE, O CRUZEIRA CRUZA OS BRAÇOS SOBRE O PEITO. OVEIA OLHA PARA OS OUTROS, COMO PEDINDO APOIO.

Ovêia - João Cruzeiro, eu não quero te matá como quem sangra uma - rês. Tu deste uma oportunidade prá o meu irmão. Eu não sou bandido, quero te matá peleando ou morrê de arma na mão. Ou será que tu ficaste covarde?

NESSE EXATO MOMENTO, CHICO VOLTA A CANTAR E AGORA A ÚLTIMA - PARTE.

Voz do Chico, cantando: " Mas um dia,
nalguma volta da estrada,
uma cruz mal falquejada
teu pingo irá sufrenar...
Será o fim da tua carreira
na peleia derradeira
que a morte irá te ganhar..."

ANTES QUE O CHICO TERMINE, JOÃO CRUZEIRA OUVI AS VOZES DA CONSCIENCIA OUTRA VEZ E A CANÇÃO SE PERDE SEM ÉCO.

- João Cruzeiro covarde!
- João Cruzeiro covarde!
- João Cruzeiro covarde!
- João Cruzeiro covarde!
- João Cruzeiro covarde!
- João Cruzeiro covarde!
- João Cruzeiro covarde!
- João Cruzeiro covarde!
- João Cruzeiro covarde!
- JOÃO CRUZEIRA COVARDE!!!



OUVINDO VOZES, JOÃO CRUZEIRA VAI SE TRANSFORMANDO. E, COM A ÚLTIMA, FORMIDÁVEL, GRITADA, ARRANCA DO REVÓLVER VAZIO QUE TRAZ À CINTURA, O NAGÃO QUE LHE FÔRA PRESENTEADO PELO BOLICHEIRO. QUANDO PARECE APONTAR PARA OVEIA, ESTE MERGULHA A ADAGA NO PEITO DO GAÚCHO.

Cruzeira - (FERIDO) Ahn!...

CALAM-SE AS VOZES IMEDIATAMENTE. COM UM BARULHÃO, NOCA APARECE À PORTA DOS FUNDOS, COM CHICO DE ATRÁS, TENTANDO SEGURÁ-LA.

Noca - (HORRORIZADA) João!...

QUASE SORRINDO GROTESCAMENTE, JOÃO CRUZEIRA APONTA O REVÓLVER PARA O ESPANTADO OVEIA E ACIONA O GATILHO, QUE BATE EM SECO. COM DESPREZO, ATIRA-O TAMBÉM AOS PÉS DO ADVERSÁRIO. DEPOIS, COM A MÃO TAPANDO O TALHO, VOLTA-SE PARA CHICO.

Cruzeira - Chico...a terra é boa... fiquem aqui mesmo...fugi...não adianta...nada! A Noca...

NOCA AVANÇA, AINDA HORRORIZADA, EM DIREÇÃO AO ÍNDIO VAGO PERDIDO. ESTE ESTENDE-LHE A MÃO ESQUERDA COMO BUSCANDO AMPARO E PROTEÇÃO. MAIS QUE NUNCA, PARECE UMA CRIANÇA PERDIDA.

Cruzeira - Eu... não sou... covarde! Não preciso... não preciso... mais... fugi!

JOÃO CRUZEIRA CAI E NOCA SE ATIRA A ELE CHORANDO, O BOLICHEIRO VEM ATÉ ELE, TENTANDO UM CONSOLO QUE NEM ELE SENTE. OVÊIA RECUA, DE COSTAS, SEM LARGAR A ARMA E AINDA SEM COMPREENDER.

Estancieiro - (PENALIZADO) Pobre João!...

Chico - Pobre João? Ele agora tá em paz. Pobre Ovêia, isso sim!
O ESTANCIEIRO E O BOLICHEIRO OLHAM-NO, SEM ENTENDER E CHICO

EXPLICA:

Chico - Pobre Ovêia, que era um home de bem e agora herdou toda essa carga de desgraça e o nome de um matador!

A CENA SE IMOBILIZA, COMO UM QUADRO, UM FACHO DE LUZ IRREAL ILUMINA APENAS O VIOLEIRO CHICO, QUE EMPUNHA O INSTRUMENTO E COMPLETA O CANTO, COMO SE ESTIVESSE SÓZINHO E CANTANDO, TALVEZ, NÃO MAIS PARA O SEU AMIGO JOZO CRUZEIRA, MAS PARA O NOVO MATADOR QUE SURTIU NESTA TARDE:

Chico - (CANTANDO) " Mas um dia,
nalguma volta de estrada,
uma cruz mal falquejada
teu pingó irá sofrenar!
Será o fim da tua carreira
na peleia derradeira
que a morte irá te ganhar..."

COM O ÉCO A SE PERDER, FECHA-SE O PANO. O BOLICHEIRO TEM MAIS UMA ESTORIA A CONTAR.

F I M



Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 815
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025